



THE BOMBERS



NÃO VENCER
NÃO É perder



MA THEUS
KREM PIEL

Prefácio

O processo de construção e desconstrução do ser é um processo diário. Todo dia, a gente muda um pouco. Nem sempre só para melhor, mas tudo acontece tão rápido que nem dá tempo de compreender direito o que acontece nesta jornada. Lendo este livrinho li mais sobre mim do que eu esperava. Não que eu não faça parte desta história - eu estava lá o tempo todo - porém ler sobre si através de terceiro faz a gente se enxergar diferente. Fez eu me lembrar de quem fui, quem eu sou e quem devo ser. E também quem devo deixar de ser. Contudo, apesar de esta história ter tanto de mim, ela não é sobre mim, ela é sobre qualquer um.

É. Qualquer um. Todo moleque adolescente é sonhador e revoltado. Se não é, está errado, deveria ser. Entre sonhos e revoltas tem o bullying, a imaturidade, o deslumbre e tudo aquilo que faz o fato de ser jovem ser algo tão tolo, confuso e especial. E tudo isto acompanhado de uma banda de rock. Ah, aí sim, a equação fica completa. Com três acordes e um monte de coca-cola na cabeça você tem certeza de que é o dono do mundo. Os Ramones ainda são e esbravejaram que não queriam crescer, veja bem.

Todo adolescente, jovem adulto - que já se permitiu sonhar além do modelo padrão - vai se enxergar nesta aventura. A diferença é que em alguns estes sonhos ficam só na cabeça, em outros eles se tornam realidade. Ou pesadelos. Ou vida real, como a retratada nesta história.

Eu e o Matheus fomos jovens juntos. Ainda somos jovens, eu acho, mas com a cabeça um pouco mais no lugar. Rimos sobre como o Noodles ou o Lars Frederiksen ou o Axl Rose estão acabados, e não temos vergonha do quanto nosso próprio cabelo está ralo. Pelo contrário, rimos disto.

Crescemos juntos, maturamos juntos - cada um a seu tempo - e escrevemos nossos livros juntos. Diz ele que se inspirou no fato de eu ter acabado de fazer um livro para o ZonaPunk, para transformar suas despreziosas memórias em um livrinho tal qual o meu.

Por tudo isto é que foi me pedido este texto introdutório. Pura encheção de linguiça pró-forma. No final, o que importa é que de alguma forma fizemos mais está juntos.

Pois tem sido assim desde os anos 1990. Quase todas as besteiras e roubadas que um faz envolve o outro de algum jeito. É uma forma de manter o porto seguro ali. Alguém para segurar as pontas se tudo der merda. E o Bombers, a banda, já foi cobaia de muitas destas empreitadas. Minhas e dele.

Só para deixar o texto com ares confessionais, assumo o espaço para contar publicamente que certa vez discutindo sobre algo que não me recordo o que era, Matheus me falou: "é muito difícil ser teu amigo". E, com semblante sério, completou: "é sério, me esforço". Ali, naquele momento, mal sabe ele que me fez começar um processo de melhoria de mim mesmo. Eu não queria ser um fardo para aquele que é meu melhor amigo. E isto seguramente me salvou de mim mesmo.

Deixo público também que muito do que vocês ouvem do The Bombers por aí passou pelas minhas críticas prévias. Não raro, ouço esboços de música e letra. E acreditem: são as críticas mais duras que já fiz a qualquer trabalho de qualquer pessoa. Por vezes, até me sinto mal. "Isso é uma merda, tu tá louco, moleque?" Todavia sei, e ele sabe, que a intenção é tirar o melhor do meu talentoso irmão.

E bota talentoso nisto. Geniozinho quando quer. Cabeça-dura também. O The Bombers é das minhas bandas favoritas. Sou orgulhoso pela verdade com a qual sua história foi criada e pela qualidade do que foi produzido. Por tudo que conquistou sem seguir pelo caminho mais fácil, sem optar pelo padrão, sem entrar no esquema da época - seja ele qual fosse. Punk a seu modo. Ao nosso modo.

Neste livrinho você vai saber mais desta história: a de uma banda de rock que nunca explodiu. A história de um adolescente que não virou rockstar. A história onde perder, definitivamente, não é deixar de vencer.

Vencemos, meu irmão.

Wladimyr Cruz

Junho | 2020

Introdução

Depois de vinte e cinco anos tocando e vivendo o The Bombers, decidi que era hora de parar e olhar para trás.

Questionei-me um milhão de vezes se deveria ou não publicar esse livro.

No final, achei que seria mais interessante escrever tudo de uma só vez, ao invés de ficar enchendo o saco dos amigos nas rodas de conversas, contando as histórias dos meus "dias de salada" (como disse Cleópatra), igual a um velho saudosista qualquer.

Gostaria de deixar claro que não guardo raiva e mágoa de ninguém mencionado neste livro.

No final, os pontos positivos do que vivemos falam mais alto do que qualquer mal entendido do passado.

Este livro só existe porque a minha necessidade de olhar para o futuro é maior do que a tentação de contemplar o passado.

Passado revisitado, feridas cicatrizadas, hora de compartilhar esta aventura com vocês.

"-It's better to be dead and cool, than alive and uncool." (Mickey Rourke no filme 'Harley Davidson and The Marlboro Man' - 1991)

1994 & 1995 ... e, de fora, vieram os Stones

Ouvindo: Ouvindo: Rolling Stones, "Voodoo Lounge"; Sex Pistols, "Kiss This"; Rancid, "Let's Go"; Guns N' Roses, "Spaguetti Incident"; The Damned, "The Light at

the End of the Tunnel"; Duff McKagan, "Believe in Me"; Social Distortion, "Somewhere Between Heaven and Hell"; Little Quail and the Mad Birds, "Lírou Quêiol en de Méd Bârd"; The Offspring, "Smash"; Green Day, "Dookie"; Blind Melon, "S/T"; The Black Crowes, "The Southern Harmony and Musical Companion"

Lembra de quando eu te falei que tocava em uma banda nos anos 90? Então... aquela banda de que te falei, se chamava The Bombers.

Já li diversas autobiografias na qual os caras dizem que quando eram pequenos... "não sei eu o quê, blá blá blá, Elvis". Por incrível que pareça, o meu Elvis foi o Michael Jackson. Aquele da fase do "Thriller" e, depois, no "Bad". Já na sequência, lá por 1988 ou 89, foi o Cazuzu. E ali, a coisa começou a entortar. Hoje, chega a ser hilário me lembrar de que eu ia pro colégio, brigava com os coleguinhas e os xingava dos piores nomes possíveis, todos garimpados dos trechos das letras do Cazuzu. Para piorar, eu adorava cantarolar "Só as Mães São Felizes" pelos corredores do Colégio Ateneu Imaculado Coração de Maria. Sim, um colégio católico bem conservador, localizado na Avenida Ana Costa, na ensolarada cidade de Santos, litoral de São Paulo. O lance de querer ter uma banda veio um pouco depois, e eu acredito que tudo começou com a correlação entre Sex Pistols e o cadeado no pescoço do Duff McKagan, em 1992.

Eu tinha 12 anos de idade quando o Guns N' Roses explodiu no Brasil. Antes disso, eu era um moleque levemente desajustado e que começava a desenvolver uma paixão esquisita por uma boy band. Ok, hora de assumir. Eu achava o New Kids on the Block sensacional. Na verdade, eu havia lido em algum lugar uma comparação entre eles e os Beatles e fiquei com a sensação de que o meu (mau) gosto estava justificado, isso graças a algum jornalista chapado de LSD ou com segundas intenções. Não fazia sentido algum. Afinal, eu pirava no Cazuzu e no Lobão, já havia descoberto os Beatles, os Stones e a incrível Janis Joplin, tudo graças aos garimpos nos discos dos meus pais e, por isso, aquela coisa de curtir o New Kids era um grande erro de percurso.

Foi quando o Rock in Rio II aconteceu que a merda bateu no ventilador e se espalhou para todos os cantos. A Globo ia transmitir os shows e eu aguardava ansioso pelas apresentações dos New Kids (sim, no plural. Naquela época, as bandas se apresentavam em duas datas diferentes). E não é que no final das contas, eu nem me lembro dos shows dos caras?! Eu fiquei em choque com o Information Society, com o Billy Idol e confundia o Faith No More com o Guns N' Roses. Não me culpem... Os dois vocalistas usavam shortinhos de ciclista e tinham cabelos lisos escorridos, além disso, para ajudar, os guitarristas das duas bandas eram uns caras de cabelos

compridos e encaracolados.

Confesso que, musicalmente, o Faith no More me pegou primeiro, mas do desenrolar dos meses (e por insistência do meu primo Cahuê), o Guns assumiu o topo do meu interesse. Logo na sequência, estava lá eu sendo surpreendido pelos “Use Your Illusions 1 e 2”. Toda aquela gritaria, guitarras pesadas e as histórias de arruaça me prenderam. Junte isto com uma fita K7 que eu ouvia no carro de um amigos (um amigo / um dos amigos) dos meus pais e voilà. Ahhhh... na fita, tinha umas coisas como Stones, Alice Cooper, Depeche Mode, Lou Reed e Legião Urbana. Assim mesmo. Tudo misturado. Esse amigo dos meus pais, o Zezé, tinha os cabelos encaracolados igual aos do Brian May (guitarrista do Queen) e dirigia um carro preto alucinadamente, sem desgrudar do copinho de uísque. Pufffff... virei roqueiro. DEFINITIVAMENTE!

Eu tinha 12 anos e odiava os meus colegas de escola. Não me sentia parte de nada. Eu me via como um excluído. Eu apanhava da “turma do fundão” na hora do intervalo porque eu tinha cabelo comprido e a orelha furada (ah... e porque era folgado para caralho). Para piorar a minha condição, eu não tinha o menor interesse em frequentar as matinês das discotecas e não sabia surfar. Sem moral alguma, eu era o último a ser escolhido para qualquer coisa. Do time de futebol eu era excluído, mesmo sendo um atleta federado na Federação Paulista de Futebol de Salão e, nos bailinhos, eu era aquele cara que dançava "Spending My Time" do Roxette agarrado com uma vassoura.

Aí comecei a garimpar mais ainda tudo sobre rock 'n roll. Descobri o Led Zeppelin e andava tentando fazer amizade com uns hippies velhos que vendiam pulseiras e miçangas na orla da praia. Eu aparecia sempre no meio da tarde, com a minha camiseta da Janis Joplin, como se fosse um cachorro que caiu do caminhão de mudança. Começava a conversar com eles sempre usando como desculpa a compra de mais uma pulseira de couro. Podia jurar que tinha me encontrado, mesmo admitindo (para mim mesmo) que aquela letargia maconheira dos caras não fazia minha cabeça. Ainda assim, eu me assemelhava mais a isso do que a qualquer outra coisa.

Lembro até hoje quando minha mãe me levou para comprar uma camiseta e eu escolhi uma do Led Zeppelin. Sabe aquela do homem com asas? Esta mesma. Na cor branca. Devidamente uniformizado, eu podia ser excluído no colégio, mas me achava super entrosado e aceito por todos aqueles hippies miçangueiros da orla da praia. Ledo engano.

Numa tarde de sábado, fui encontrar meus "amigos" na orla da praia. Um deles me cumprimentou e logo me pediu dinheiro. O que eu obviamente não tinha. O filho

da puta veio na minha direção, puxou uma faca e me ameaçou caso eu não descolasse uma grana. Eu fiquei puto, triste e assustado para cacete. Era o fim do sonho hippie. Fiquei desolado. Na hora, saí correndo o mais rápido que pude. Eu me senti traído. Abandonado. A única turma que eu pensei ter encontrado tinha enxergado minha vulnerabilidade e tentou me foder.

Eu fiquei bem mal com aquilo. Cabeludo, com orelha furada, os braços tomados de pulseiras de couro e usando camiseta do Led Zeppelin. Ignorado pela turma do colégio e agora, afastado da minha turminha imaginária. Eu estava perdido. Bullying era praticamente uma parte da minha rotina matinal. Vinha depois do leite com Nescau.

Nessa época, eu tinha dois únicos amigos, o Rubens Lima e o seu vizinho, o Bruno. O Rubens era o típico nerdão. Ele tinha um cabelo meio atrasado no corte e todo bagunçado, aparelho e óculos. Passávamos muito tempo juntos e desenvolvemos um gosto meio escroto de passar trotes para a galera do colégio. Isso logo se tornou nosso maior hobby, assim como ouvir rock 'n roll e ficar pulando e se empurrando no quarto dele. Foi, inclusive com o Rubens e o irmão dele, o Ademar, que eu saí de casa pela primeira vez à noite. Uma noite meio trágica, diga-se de passagem.

Fomos ao Bar do Torto, um dos bares mais tradicionais de música ao vivo na cidade. Tomamos umas cervejas e saímos bêbados pelas ruas de Santos. Um dos amigos que estavam com a gente mexeu com umas garotas e não viu que elas estavam acompanhadas. Bom... o namorado de uma delas não era flor que se cheirasse. O cara sacou um revólver e saiu disparando para cima de nós. Acertou em cheio o Ademar na bunda, e nós saímos todos correndo, cada um para um lado. Encontramos quando já estava amanhecendo e tivemos notícia de que estava tudo bem, mas que ele ficaria internado um tempo. Nosso filme ficou sujíssimo, e assim, acabou minha primeira tentativa de vida noturna. Isso me fez ser ainda mais recluso do que eu já era. Com exceção de algumas escapadas que eu e o Rubens dávamos aos sábados de tarde, quando visitávamos o luxuoso Hotel Parque Balneário, fingindo sermos hóspedes só para invadir a cobertura e mergulhar na piscina. Geralmente, finalizávamos nossa visita arremessando as cadeiras de praia dentro da piscina e os rolos de papel higiênico na Avenida Ana Costa, até sermos descobertos tentando tocar o piano do restaurante ou cometendo alguma outra gafe.

Para não nos perdermos, isso já era 1993 (se eu não me engano). A essa altura, o Guns N' Roses era a minha banda favorita e o seu disco, "Spaghetti Incident", primeiro CD que ganhei do meu pai, já havia me apresentado a U.K. Subs, The Misfits, New York Dolls e Johnny Thunders, The Damned e a um tal de Sex Pistols. O meu pai também ajudou muito me apresentando ao seu amigo, Lane Valliengo,

que trabalhava na rádio 95 FM e apresentava o programa Exclusivas 95 (um dos responsáveis por divulgar novas tendências do rock, como o Grunge, na programação). O Lane gravava umas fitas para mim com várias coisas que eu deveria ouvir.

Em 1994, lembro-me da morte do Ayrton Senna, e isso impactou bastante em mim, no Rubens e em um amigo que, cada vez mais, tinha (grande) influência sobre nós. O nome dele era Issa, mas nós o chamávamos de Ramones. O "Ramones" passou o dia 02 de maio de 1994 com a gente, chorando a morte do Senna e, posteriormente, falando de música. Ok... "ROCK"! É claro! Dias depois, ele me ligou e disse que tinha descolado um LP sensacional do Sex Pistols e queria ouvi-lo pela primeira vez comigo para que eu entendesse o que era o Punk Rock. Eu já tinha ouvido falar de Sex Pistols. Tinha uma amiga no colégio que me mostrava umas fotos dos caras em um caderno com recortes de revistas (ter algo assim era a coisa mais normal do mundo). Voltando aos Pistols e aos punks, aquilo sempre me pareceu muito agressivo. Alfinete na bochecha e aquela porra toda.

Enfim, o Issa, ou Ramones se vocês preferirem, conseguiu o disco e foi até a minha casa. Ele tirou o Lp da sacola e eu achei aquela capa amarela a coisa mais bizarra e tosca do mundo. Nenhuma foto. Nenhum encarte. "Never Mind the Bollocks... Here's the Sex Pistols..." Quando ele colocou a agulha no disco e eu ouvi "Anarchy in the UK", senti uma descarga elétrica no meu corpo que foi uma das maiores doideiras que senti na vida. Eu catei um violão velho que estava em casa e, na terceira faixa, já estava arrebentando-o no chão. Até o final do lado A, eu já havia destruído o quarto inteiro e, inclusive, fechando com chave de ouro, metido uma bicuda que quebrou a porta do armário do meu quarto. Ahahahaha! Não me orgulho disso, mas foi como os Sex Pistols bateram na minha vida. Um raio!

Quando o disco acabou, eu perguntei ao Issa se tinha como eu ser um "hippie punk". Ele não gaguejou, não pensou duas vezes e, como se fosse um PhD no assunto (o que eu, até hoje, acho que ele é), mandou direto: "você pode ser o que você quiser". Na verdade, eu acho que ele me disse algo sobre os Guns N' Roses serem meio "hippie punks" e, mais uma vez, ele não estava errado. Convenhamos. No dia seguinte, eu abandonei minha camiseta do Led Zeppelin, minhas pulseiras de couro e decidi que seria um punk.

Foi mais ou menos nessa mesma época, que os pais do meu primo Cahuê começaram a se separar e, meio que como uma forma de mantê-lo mais "calminho", começaram a destinar uma verba mensal para ele gastar em CD. Nesse período, eu assumi a função de ser o seu consultor artístico e íamos juntos garimpar nas lojas de discos. Na primeira visita, lembrei-me de um adesivo que o Duff McKagan, do

Guns, usava no baixo, onde se via uma caveira com um cigarro em uma mão e um copo de drink na outra. Embaixo, estava escrito "Social Distortion". Pois bem... lá estava eu, naquela loja, segurando um CD com aquela caveirinha, e o nome da banda era exatamente esse: Social Distortion. "Somewhere Between Heaven and Hell." "Cahuê, Cahuê!!! Compra essa porra! O Duff, do Guns, ama... com certeza nós vamos amar." Ahahahahahahaha! Ele comprou o Social Distortion e pegou também o Little Quail and the Mad Birds. Na primeira noite, eu já pedi o do Social Distortion emprestado e ele me disse que tudo bem, porque iria ouvir o Little Quail primeiro. Bom, era assim que fazíamos naqueles tempos. Ouvíamos a porra de um disco umas três vezes seguidas, no mínimo. E lá fui eu com o "Somewhere do Social" para casa. PQP! Foi de foder com a minha cabeça mais uma vez.

Na mesma época, começou a se comentar sobre uma onda NEOPUNK. Era assim que falavam. Eu não tinha MTV em casa e o acesso a este admirável mundo novo, dependia das visitas que eu fazia ao meu avô, que morava em São Paulo. Quando eu ia para a capital visitar o vovô, eu carregava, pelo menos, umas três fitas VHS e gravava na velocidade SLP. Isso me rendia aproximadamente seis horas de videoclipes que eu ia garimpando por toda a programação. Muita coisa foi descoberta nessas visitas. Isso foi muito forte entre 1994 e 1995. Eu gravava horas de vídeos, voltava para Santos, separava o joio do trigo e direcionava meu primo a buscar o que eu acreditava ser o melhor do rock na época.

Uma das VHS que mais chamou a minha atenção e que eu assistia diversas vezes, tinha gravado o clipe de "Rise", do Bad Brains, o de "Who Was in My Room Last Night?", do Butthole Surfers, e tinha um vídeo bem esquisito, de um tal de Green Day, onde o maluco rasgava o sofá. Esses caras tinham um visual meio Pistols com olhar de psicopata, mas a música não tinha me convencido muito. Agora, o que veio na sequência, me arrebentou. Era um clipe em preto e branco de uns caras de cabelo moicano em um cenário que parecia ser de uma favela e com um som que me fez sentir de novo aquela vontade de quebrar a porra toda: do mesmo jeito que tinha sido com os Pistols. Era "Nihilism", de uma banda chamada Rancid. Adivinha... "Cahuê, Cahuê!!!" Disse pro meu primo: "o DISCO que você precisa ter é o 'Let's Go', do Rancid". Ahahahahahahaha!

Óbvio que eu convenci o meu primo a pegar essa porra. E é óbvio que essa porra foi direto para a minha casa! Não em CD, mas em uma fita cassete que eu gravei quando chegamos na casa dele. Mais óbvio ainda foi que depois daquilo tudo, eu, definitivamente, queria ser um punk sujo, de moicano e a porra toda a que se tinha direito. Minha mãe, porém, não curti a ideia, e eu tive que sossegar. No entanto, dava para cortar o cabelo arrepiado e o manter espetado, que nem o Sid

Vicious. Infelizmente, as pessoas me chamavam de Dunga (o jogador da seleção brasileira) e ninguém sabia quem era Sid Vicious. Desse jeito, a minha fantasia de punk foi adiada, talvez para o próximo carnaval ou o seguinte ou sei lá eu quando.

Se por um lado faltava fantasia, eu tentava compensar na atitude de cuzão, cuja, modéstia à parte, eu sempre tinha para dar, vender e bater bafo. Tudo isso aprendido depois de assistir mil vezes a um vídeo que eu alugava quase toda semana: o "The Great Rock 'n' Roll Swindle", dos Sex Pistols. Quando não era este, era o "Sid & Nancy - o Amor Mata".

Mais ou menos nessa época, eu ganhei uma guitarra dos meus pais. Era uma Dolphin preta com microafinação e veio com um amplificador pequenininho com um botão de overdrive. Eu sonhava com um baixo, mas lembro até hoje, que mamãe me disse: "O moço da loja falou que você vai se divertir muito mais com uma guitarra do que com um baixo". Ahahahahaha! E não é que o filho da puta estava certíssimo?!

Em 1995, fui ao show dos Rolling Stones, no Pacaembu, com os meus pais e o meu irmão, e voltei decidido a aprender a tocar guitarra. Então lá estava eu, dividido entre meu amor pelo Punk Rock, pelo Hard Rock e pelo Rock 'n Roll e doido para ter uma banda. Só para constar, meu visual na época era uma mistura tosca disso tudo. Anel de caveira, cabelo arrepiado, brinco de argola, calça rasgada e All Star azul marinho.

Um dos caras que mais chegava perto de mim e do Rubens no quesito "weirdo" era o Luiz Euclides. Isso mesmo. Com esse nome de escritor, eu poderia confundir o nome dele com o do Machado de Assis em uma prova, sem problema nenhum. Ele tinha uma franja enorme que vivia na testa, tipo um Justin Bieber dos anos 90, só que com 1,90m de altura. Ele me perguntou: "você toca guitarra?" Tecnicamente... eu tinha uma guitarra em casa e a ligava, dava uma palhetada e jogava na cama para observar-la explodir em microfonia. Em tempos de grunge e punk... Respondi: "sim! Como você descobriu?". Ele disse: "ah por conta do seu estilo. Anéis, cabelo arrepiado e talz...". Ah, tá! Aí ele me pergunta: "qual teu estilo de guitarra?". Eu pensei... guitarra rítmica ou guitarra solo? Bom, se uma é a rítmica, até onde eu sei, ela também é a que faz a base e, para isso, tem que saber fazer acordes, o que, obviamente, eu nem imaginava como fazer. Já a outra "só" faz o solo. O cara é livre. Deve ser uma notinha aqui e uma outra ali, quando muito, uma batidinha na casa certa e ficar pirulitando, dando bends que nem um abobalhado. Ah... ficou fácil de escolher. "Sou guitarra solo.". Ahahahahahaha! Ele se espantou e me perguntou qual era o guitarrista no qual eu mais me inspirava. Aí eu respondi: "toco guitarra solo tipo o Ronnie Wood, dos Stones".

Ahahahahahaha! Então ele me manda que era exatamente isso que ele

estava procurando para a banda dele. Wow! Ele me convidou para fazer parte da banda que ele estava montando. Não pensei duas vezes. Aceitei na hora.

Para melhorar, para mim, não para ele, ainda me perguntou se eu conhecia um batera. Na minha cabeça, não tinha como eu passar por uma experiência daquela sem o meu melhor amigo Rubens. Se eu não sabia tocar, o Rubens também não sabia tocar. E, assim, eu disse que sim: “conheço um baterista, não é, Rubens?”. Ahahahahahahaha! Ele pegou duas canetas e simulou uma virada na bateria. Ahahahaha! Impressionante!. Pronto. O Luíz pegou nossos telefones, disse que agendaria o ensaio e nos ligaria para informar a hora. O Rubens riu e me perguntou o que faríamos. Eu disse para ele se virar e arranjar umas baquetas, o resto nós daríamos um jeito.

Luíz marcou um ensaio... não lembro se era quarta, quinta ou sexta. Sei que era um dia da semana, por volta das 16 horas. E lá fui eu. Montei na magrela, catei a guitarra sem bag com uma mão, pus um saco de doce de banana no bolso e segurei o meu pequeno amplificador de 20W com a outra mão. Ahahahahahahahahahahaha!

Chegando lá, eu me deparei com um amplificador Marshall gigantesco e com uns malucos que trabalhavam no estúdio, todos disfarçando a vontade de rir da minha cara. Aí vem o Rubens com duas baquetas que ele pegou emprestado da prima que tocava na banda da Igreja, e nenhum prato. Luíz Euclides chegou com sua guitarra, e a única música que ele sabia tocar era uma tal de "A sin they ow". Perguntei o que significa essa palavra, e ele disse que não sabia, mas que soava como algo em inglês. Puta que pariu! Lá estava eu sem saber tocar nada, com um baterista que não fazia a menor ideia do que era uma bateria e com um guitarrista que só sabia tocar a sua "própria música", escrita em um dialeto também conhecido como “embromation”. Foram duas horas de torturas e cacofonias que se, por um lado não eram exatamente o que sonhávamos, por outro, nós justificávamos como “nossa arte fruto do Grunge”. Ahahahahahahah!

Ficamos nessa algumas semanas. Praticamente, tornamo-nos uma atração do estúdio. Àquela altura do campeonato, toda banda tocava Mamonas Assassinas, e nós odiávamos aquilo. Ok... só posso falar por mim. Sendo assim, eu odiava aquela coisa toda.

Então as tardes no estúdio WK se dividiam entre bandas tocando Mamonas Assassinas e nós fazendo barulho e passando vergonha. Até que um dia, um colega do colégio entrou na sala e perguntou se sabíamos tocar alguma coisa. Respondemos que só tocávamos nossas próprias músicas, e ele obviamente entendeu que não sabíamos tocar porra nenhuma. Então ele ligou uma guitarra no amplificador de baixo e tocou “Parasite”, do Kiss. Ficamos olhando sem entender nada, tentando

acompanhar. E assim nós continuamos a ensaiar, ou se você preferir, a passar vergonha.

Este colega visitava nosso ensaio toda vez. Um dia, ele me ensinou a fazer bordão. Ele me disse: "com esse dedo nessa casa e esse na outra, você pode tocar qualquer coisa". Eu entendi a mensagem. Nesse dia, ele nos ensinou a tocar "American Jesus", do Bad Religion. Voltei pra casa e decidi que daquele dia em diante, eu iria fazer as minhas próprias músicas e ninguém nunca poderia dizer que eu estava tocando errado.

Comecei a compor alucinadamente. Fiz umas duas músicas em português, mas fiquei na dúvida entre ser babaca e seguir a tendência da época, que era rimar "maçaneta com punheta" ou tentar soar sério (o que, com meus 16 anos, seria ridículo). Optei pelo inglês porque, dessa forma, ninguém entenderia bulhufas do que eu estava falando.

Eu sei que a brincadeira foi ficando cada vez mais legal. Começamos até a parecer uma banda. Nosso colega do colégio, que sempre fazia participação especial nos ensaios, começou a chegar cada vez mais cedo para se juntar a nós, até que um dia ele me disse que iria comprar um baixo e faria parte da banda.

No dia seguinte, eu o acompanhei com a mãe dele até a loja e buscamos o seu Peavey anos 70. Pronto. Oficialmente, éramos uma banda. O nome dele era Denys e ele nos fez ser uma banda. Tínhamos um nome que era mais como uma piada interna: "Os Pentelhos Brancos", mas com a chegada do Denys, decidimos que seríamos os Unabomber.

No final de 1995, participamos de uma oficina de bandas ministrada pelo Clemente Tadeu, dos Inocentes, no SESC Santos. Uma das etapas do curso consistia em um ensaio aberto acompanhado por ele. Nós estávamos super nervosos e inseguros. Nenhum de nós conseguia tocar nada direito. O Clemente achou a banda horrível, porém se alegrou com a nossa petulância e cara de pau. Segundo ele, esses eram ingredientes essenciais para uma banda punk. Sendo ele um cara oriundo do punk rock, ao final do da oficina, que durou uns dois meses, ele nos convidou para o show de encerramento do projeto. Tocamos três músicas.

Na plateia, estavam várias figurinhas carimbadas do cenário na época, como o Boka, do Ratos de Porão e o Tarso, do Carnal Desire. Entre alguns acertos e muitos erros, ainda arriscamos uma versão de "Should i Stay or Should i Go", do The Clash. Foi nosso batismo de fogo! Agora sim... Nós éramos uma banda. Nós éramos os Unabomber. E, segundo o Clemente Tadeu, éramos uma banda punk. Ainda nesse mesmo ano, assisti a um show que reforçou ainda mais a minha relação

com o punk: The Lurkers e 999, no mesmo SESC Santos.

1996: "Quem quer ser o vocalista?"

Ouvindo: Operation Ivy , "Energy"; NOFX , "White Trash, Two Heebs and a Bean"; Bad Religion, "The Gray Race"; Down By Law, "All Scratched Up"; Rancid, "...And Out Come the Wolves"; Raimundos, "Lavô Tá Novo"; Various Artists "Oi!, Greatest Hits Volume One"; Sublime, "S/T"; Voodoo Glow Skulls, "Who Is, This is?"; The Mighty Mighty Bosstones, "Devil's Night Out"; No Doubt, "Tragic Kingdom"; Sepultura, "Roots"; Social Distortion, "White Light, White Heat, White Trash"; Shelter, "Mantra"; Ratos de Porão, "Feijoada Acidente - Brasil"; Screeching Weasel – "Boogadaboogadaboogada!"

O ano de 1996 chegou e, com ele, vieram os primeiros e esporádicos shows. Todos graças ao Denys, que já era mais envolvido no meio. Nossas deficiências como músicos começaram a ficar cada vez mais óbvias.

Eu nunca quis ser vocalista de banda. Na verdade, eu estava torcendo para que o Luiz Euclides assumisse o posto. No entanto, eu tinha algumas coisas para resolver antes, como por exemplo, aprender a tocar minha guitarra. Comecei a compor músicas para a banda graças ao truque dos dois dedos que o Denys havia me ensinado (também conhecidos como bordão).

Naquela banda, nenhum de nós queria assumir o papel de frontman. O Luiz cantava duas músicas do nosso curtíssimo set. Infelizmente, ele tinha mais vergonha do que eu. Em um dos primeiros shows, ele cantou de costas para o público e ali ficou claro que não dava para ele. A conta era simples: como eu fazia as músicas e as letras, deram-me a função de ser o vocalista da banda. Isso me blindou bastante e me fez assumir uma posição menos vulnerável, mesmo tendo de ser forçado a enfrentar minha timidez. Menos sorte tiveram os meus amigos Rubens e Luiz Euclides, cujas performances não estavam evoluindo muito. E o clima entre os caras foi ficando meio esquisito. Nisso, o Rubens saiu da banda para a entrada do Fábio Façanha, um moleque comprido e adorável, amigo do Denys, e que adorava tocar o mais rápido possível. Logo, todos os olhos se voltaram pro Luiz Euclides. Ele não demorou muito e quando sentiu o clima pesando para ele, decidiu sair da banda. Antes de sair, porém, ele disse: "conheço um cara que toca guitarra, ama Sex Pistols e Green Day, estuda no mesmo colégio que nós e é meu professor de guitarra". Era o Jean Marcell.

O Jean chegou na banda e, de cara, já resolveu um problema para todos nós. Ele nos fez afinar nossos instrumentos igual à guitarra dele. Funcionava assim: ele tocava a primeira corda e nós girávamos nossas tarraxas até atingirem o mesmo som que saía da guitarra dele. E ia assim, uma por uma, até o final.

Inicialmente, o Denys parava na quarta corda (por ser o baixista) e eu seguia até as últimas duas. Com o passar do tempo, devido ao meu jeitinho peculiar de tocar, as duas cordas de baixo sempre estouravam e eu não me importava em repor, porque só tocava nas três de cima, então, geralmente, eu tocava em uma guitarra com quatro cordas (que eu ainda justificava usando como desculpa a banda The Presidents Of The USA), todas elas prontamente afinadas de acordo com a afinação do Jean.

Um dia, decidimos encarar um estúdio para gravar uma demo ensaio. Tudo desafinado, só para variar, e o técnico de som se ofereceu para ajudar. Foi aí que ele

perguntou: "em que afinação vocês tocam?" E eu fiquei sem resposta. Perguntei pro Jean qual era a afinação que usávamos, e ele me solta a seguinte pérola: "nossa afinação é a Jean Bemol". Ahahahahahahaha! O cara não entendeu porra nenhuma. Talvez tenha pensado que a gente tocava em G \flat (sol bemol). Bom, independente de qual era a afinação, o cara decidiu soltar o gravador e lá fomos nós. Ficou uma bela porcaria, mas agora já tínhamos um registro da banda.

Além de ser um bom guitarrista e saber afinar um instrumento, à sua maneira, o Jean também colaborou com uma composição incrível que se chama "Being Strong". Aquilo era um baita estímulo para mim. Eu me esforçava para compor músicas à altura das que o Jean compunha. Ele mostrou "Being Strong" e eu vim com "The Price", ele trouxe uma chamada "Hey Baby" (que é ótima, e, apesar de nunca termos gravado, tocamos em shows até hoje), e eu vim com "Wrong"... e por aí fomos. Eu sempre compunha minhas músicas de madrugada, com a guitarra desplugada e assistindo à TV. Uma vez, fiz uma música assistindo a um desfile de moda que passou na MTV. Dei o nome de "Everybody Wants", e logo ela se tornou uma das nossas favoritas. As coisas funcionavam assim: sempre na madrugada, quando todos iam dormir, eu ligava a TV, e colocava a guitarra no colo, e era como se eu ligasse uma antena parabólica. Sempre saía alguma coisa já com melodia e letra. Aliás, letras, naquela época, sempre em inglês, pois eu me sentia protegido usando a língua da rainha da Inglaterra. Eu podia falar sobre as coisas mais íntimas que ninguém iria parar para analisar ou prestar atenção no que eu estava dizendo.

Levávamos um cover de "Anarchy in the U.K." na época, até que o Jean trouxe "Baby Can I Hold You", da Tracy Chapman, e nós fizemos uma versão dela que tocamos tanto que até hoje, quando escuto a original, fico com aquela sensação de que alguém está tocando uma música nossa.

Começamos a tocar muito pela cidade. Coisa de final de semana sim, final de semana sim de novo. Teve show em quadra de escola de samba, em uma festa organizada em uma mansão alugada por uns doidos. Inclusive, neste dividimos o espaço com o Carnal Desire, e o saudoso Tarso Carnal me emprestou a guitarra dele.

O Denys tinha um amigo chamado Estefan que tocava numa banda de Hardcore Metal chamada "Rebel Heads" e sempre descolava uns shows para nós atuarmos como banda de abertura. Os shows se resumiam na gente tocando para nossos parentes e para uma meia dúzia de gatos pingados que não conseguiam puxar um aplauso por vontade própria. Era meio frustrante, mesmo assim, seguimos tocando. Víamos leves melhoras. E de uma forma estranha, quando eu subia no palco, me sentia invencível.

Meses depois, as pessoas, ao invés de parecerem mortas ou em estado semivegetativo, começaram a dançar nos nossos shows como se fossem crianças no jardim da infância. Talvez elas estivessem tirando um sarro da nossa cara. Honestamente, eu acho que sim, mas... Wow! Aquilo já era algo. Despertamos alguma coisa naquelas pessoas. Mesmo que tenha sido uma vontade de zoar com a nossa cara. Estávamos decididos a seguir em frente.

Antes das férias do colégio, eu lembro que os meus colegas de classe adoravam espalhar o quanto minha banda era ruim. No segundo semestre, começamos a fazer shows quase todos os finais de semana, e nessa, começamos a ficar melhores. Já não éramos mais uma piada. E algumas pessoas começaram a gostar da gente.

Por muita insistência minha, que àquela altura já estava totalmente dominado pelo som do Operation Ivy, do The Clash e de ska em geral, criamos "Smiling", nosso primeiro ska. Deu certo demais. Não foi muito difícil convencer os caras a tocar "Knowledge", do Operation Ivy.

Por volta dessa época, meu pai começou a gerenciar o Blow Up Club, um bar classudo situado no coração da burguesia santista, entre os bairros do Gonzaga e o do Boqueirão. O bar era uma criação da banda Blow Up, uma das primeiras bandas de rock santista e que fez sucesso nos anos 70, inclusive emplacando música em novela da Globo.

O Blow Up Club não funcionava aos domingos. Os shows que fazíamos eram sempre aos domingos. Sendo assim, implorei para o meu pai ver se conseguia permissão para serem realizados shows de bandas lá. Lembro me até hoje do meu pai contando como foi o papo com os donos. Ele disse que explicou para os sócios que as bandas eram barulhentas, mas que eram tudo gente boa, que o filho dele ia tocar e nada iria acontecer com o espaço.

O evento foi realmente tranquilo. Lembro que a estrutura era absurda para a nossa realidade da época. Nos apresentamos com os amigos do Zenicodemus. Levei um CD com um áudio que serviria de intro para o nosso show. Era aquele trecho em que o Jules Winnfield, personagem interpretado pelo Samuel L. Jackson no Pulp Fiction, recita um trecho da bíblia muito puto da vida e quando termina de falar, começa a disparar uma chuva de balas. Essa era a nossa deixa para começarmos o show.

Esse evento abriu os olhos dos donos da casa, do meu pai e dos "roqueiros mais velhos" que logo na sequência, entraram em contato para tentar agendar um show.

Um dia, chego em casa do colégio e encontro meu pai na sala em reunião com um tal de Rogério Minhoca, da Orphan Records. Ele estava lá para agendar um show

de uma banda carioca, que eles iam lançar, chamada Beach Lizards. O disco era o "Spinal Chords". Meu pai ganhou uma cópia para ouvir e eles foram embora. Eu escutei o disco. Meu pai me perguntou se eu achava que valia a pena abrir o espaço para esse show. Não hesitei em nenhum momento. Aquele disco era (e continua sendo) impressionante. E assim o Senhor Reynaldo de Oliveira Pereira, vulgo meu pai, fez a primeira ponte entre a geração mais antiga e a mais nova do Rock de Santos, além de promover um belíssimo intercâmbio.

Naquele mesmo ano, ainda rolou o clássico primeiro show do Shelter, em Santos, em um pico esquisito na avenida Conselheiro Nébias. Se eu não me engano, tocaram nesse show o Blind, o White Frogs e o Cólera. O show foi de uma selvageria absurda. Pessoas se jogavam do segundo andar em moshes que variavam entre suicida e homicida na mesma proporção. Lembro-me de ver o João Gordo no balcão do bar e de um monte de figurinhas carimbadas da cena santista. Um cenário surreal. Àquela altura do campeonato, estávamos vivendo e vendo as coisas acontecerem na cidade.

No colégio, eu andava muito com o Jean, mesmo ele cursando um ano à frente, mas isso fazia a gente ter algumas prioridades diferentes. Fora do colégio, eu passava muito tempo com o Façanha e com o Denys. Lembro-me de passar umas tardes na casa do Façanha. Enquanto fazíamos planos, ficávamos vendo uns VHS de shows do Rancid e do Operation Ivy que eu tinha descolado na Sound of Fish (loja especializada em discos de punk rock e acessórios para skate).

Aos sábados, uma comitiva de amigos vinha do bairro do Marapé e passava na minha casa para irmos ao "Quartirão da Avenida Conselheiro Nébias". Lá, na própria avenida, ficavam o Bar do Presidente e o Surf Dog (favorito dos do "hardcore melódico" e dos surfistas) e, na lateral do quartirão, onde passa a avenida Dr. Epitácio Pessoa, ficava a Adega Marrocos. Ali, ficavam os metaleiros, os punks e toda a fauna roqueira.

Ficávamos ali... conversando, jogando cartas. E enquanto meus amigos tomavam Coca-Cola com pinga, eu me chapava de refrigerante. Eu tinha certeza de que se continuasse daquela maneira, acabaria sendo um straight edge. Nada contra, mas eu não sabia se isso implicaria em parar de comer carne, então, por desinformação, mantive-me distante disso.

No final do ano, fiquei muito triste quando o Façanha disse que iria sair da banda por conta de um problema nas costas, adquirido enquanto trabalhava nos Correios.

1997: Capuccinos, Ska e roupas de brechó. Mais um dia ensolarado na Califórnia Brasileira.

Ouvindo: The Maytals, "Sensational Ska Explosion"; NOFX, "Punk in Drublic"; Vários Artistas, "Ska Brasil"; The Toasters, "Dub 56"; Dance Hall Crashers, "Lockjaw"; Various Artists, "Give 'Em' the Boot"; Green Day, "Nimrod"; Inocentes, "Ruas"; Blind Pigs, "São Paulo Chaos"; White Frogs, "Urban Songs"; Rhythm Collision, "Crunch Time"; Beach Lizards, "Spinal Chords"; Mighty Mighty Bosstones, "Let's Face It"

O ano começou bem. Eu estava iniciando o último ano no colégio, já estávamos lidando com a confirmada saída do Façanha. e, mesmo assim, organizamos um show na sala do apartamento que eu morava. Era meu aniversário, e meus pais tiveram essa ideia incrível (e caótica).

Era um apartamento andar térreo, e a gente montou bateria, amplificador e tudo o mais na sala com a ajuda dos amigos do Zenicodemus. Foi uma bela farra, e tudo com o aval de Dona Tânia Tereza Krempel e Seu Reynaldo de Oliveira Pereira, também conhecidos como meus pais. Magicamente, nenhum vizinho reclamou, talvez por ter acontecido em um sábado a tarde.

Nessa época, eu passei a andar bastante com dois amigos do colégio: o Joseph e o Gustavo Torresi. Nós curtíamos as mesmas coisas (música, o time de futebol e o gosto por criar caos), frequentávamos os mesmos lugares... o que levou uma amiga, a Tatiana Jorge (sim, a que hoje é apresentadora do Jornal da Tribuna) a nos classificar como “um monstro de três cabeças e um corpo”.

Em março rolou, em Santos, o clássico show do NOFX divulgando o "Heavy Petting Zoo". O show foi um absurdo de maravilhoso. A banda estava no auge e poder testemunhar isso, com certeza, beirava o surreal. Foi a maior "roda-punk" que eu já tinha visto na vida. Nem se comparava com as que eu tinha visto nos shows do Raimundos que, até então, tinham sido as maiores.

Uma lembrança muito esquisita desse dia foi a de uns caras do Garage Fuzz panfletando alguma coisa sobre boicotar o show na porta do evento. Eu não entendi nada, mas de certa forma, isso mostrava a dimensão do show.

Logo na sequência, já veio o show do Rhythm Collision, no SESC. Foi a primeira vez que eu li a palavra EMO (emotional hardcore) se referindo ao Dance of Days que, além do White Frogs, também tocou no show.

Nesse mesmo dia, após o show, fui conversar com o vocalista do Rhythm Collision e mencionei o termo “hardcore melódico”. Ele se espantou e me explicou que hardcore era hardcore e o que eles tocavam era punk rock. Chocado com a nossa surpresa, ele ponderou e disse que o som deles poderia ser considerado, no máximo, punk rock melódico. Tempos depois, o Gustavo Ferreiro, do Sonic Sex Panic, contou-me que encontrou o Fat Mike e passou pelo mesmo papelão que nós ao utilizar o mesmo termo.

Depois desses primeiros contatos com as bandas estrangeiras, as questões relacionadas a como me referir aos gêneros musicais ligados ao punk ficariam assim na minha cabeça (e quero dizer a minha cabeça daquela época):

- Hardcore: *Agnostic Front, Biohazard, Sick of It All;*

- Punk (Melódico): *Bad Religion, NOFX, Pennywise, e tudo lançado pela Fat Wreck Chords e pela Epitaph (eu incluiria também os "protopunks melódicos", como o Screeching Weasel e uma boa parte do que a Lookout Records havia lançado nos anos 80);*

- Punk 80: *Black Flag, Minor Threat, Circle Jerks, Germs, The Misfits;*

- Punk 77: *Sex Pistols, The Clash, The Damned, Ramones (minha fatia preferida dessa pizza muito doida);*
- Neopunk: *Rancid, Green Day e The Offspring (que curtia cada vez mais, mas tinha vergonha de assumir);*
- Punk 'n Roll: *Johnny Thunders and The Heartbreakers, New York Dolls, Iggy and The Stooges (minha porta de entrada para essa vida).*

Para todos os outros, as coisas eram bem mais simples. Principalmente para os surfistas, que chamavam tudo isso de “surf music”. E então veio a revista Fluir que, sabiamente, aproveitou e faturou uma bela grana com isso ao lançar aquela coletânea clássica (e maravilhosa): "Revista Fluir - (90's Surf Music)". Considerado um grande clássico da evangelização *punk-hardcore-melódico-surf-music* nos anos 90, eles jogaram no mesmo balaio de gato bandas díspares como: Voodoo Glow Skulls, Shades Apart, Shelter, Down by Law e Satanic Surfers. E funcionou que foi uma maravilha.

Nesse mesmo ano, comecei a frequentar uma casa noturna localizada em frente ao píer (o emissário submarino), quase na divisa entre Santos e São Vicente. Essa casa noturna ficava num conhecido prédio de Santos, o Universo Palace, onde também ficava uma famosa casa de striptease, o Pink Panther. Esse lugar se chamava London London, e a gente batia cartão lá todo final de semana. Nas caixas de som, só o “crème de la crème” do Punk Rock, do Ska, além de na parte nacional, rolar muito Raimundos, Planet Hemp e Chico Science e Nação Zumbi.

Eu estava no último ano do colegial (hoje conhecido como ensino médio). O Bombers já era motivo de orgulho para mim. Ou melhor, nesse ano, a banda começava a deixar de ser uma piada. Meus amigos já conseguiam dizer que a banda era legal. Afinal de contas, aquelas maluquices que a gente tentava tocar e aquelas referências musicais todas, estavam sendo assimiladas pelo grande público. De uma forma estranha, não éramos mais a turma do contra. Nosso tipo de som era situação.

No entanto, tínhamos perdido nosso baterista. Nisso, apareceu o Denys e trouxe o Júnior (Jota Amaral), um skatista amigo dele. Eu e ele nos demos bem logo de cara. Ele amava Sublime, que tinha acabado de lançar a sua obra prima, e os cliques com o Lou Dog (aquele cãozinho dálmata) faziam muito sucesso na MTV. Assim como eu, ele acreditava que o Bombers podia direcionar o som para este lado mais experimental.

O Junior morava em um prédio que tinha garagens fechadas. A gente se fechava lá dentro e ficava fumando maconha, tomando capuccino e sonhando com a possibilidade de tocar um punk rock mais livre. Depois, saíamos pela cidade em sua Vespa. Eu estava tendo um bromance e, ao mesmo tempo, buscando ser um pouco freaky, distanciando-me daquela coisa toda de bermuda cargo, tênis de skate e camisa xadrez de flanela manga curta.

Imagina um moleque de 18 anos usando calça de veludo marrom, boininha, casaquinho de vovô e ouvindo ska. Esse era eu. Um adolescente vestido de idoso. Praticamente um Benjamin Button (sim, aquele do filme cujo um homem nasce idoso e rejuvenesce à medida que o tempo passa e foi interpretado pelo Brad Pitt). Além disso, ia semanalmente na Disqueria, uma loja de discos usados do Wagner Parra, que nessa época ficava no Canal 3, pedir dicas sobre o que ouvir para entender o Ska. Essa loja era um paraíso para qualquer amante da música e contava com um acervo de mais de 30.000 discos. Ele me fez comprar o primeiro disco do Kongo ("King Kongo"), explicou-me como o "Passo do Lui" era um disco obrigatório para entender o gênero e ainda me explicou como o Calypso e o Mento ajudaram a formar aquele som. O cara era uma verdadeira enciclopédia e um dos maiores agitadores culturais da cidade, sendo inclusive responsável por trazer para Santos os shows do Jimmy Cliff, Paralamas do Sucesso e Titãs (organizou o primeiro show dos caras na cidade). Nós nos demos bem de logo de cara e por conhecer meus pais, nunca se importava em perder tempo me dando conselhos e dicas sobre o que eu deveria ouvir. O Parra me contava histórias incríveis sobre quando discotecou em Cuba, em 1986 e conheceu o Fidel Castro. Nessa época, aproveitou para desviar a rota de volta ao Brasil para passar na Jamaica e foi nessa que ele trouxe vários discos de lá. Eu estava em boas mãos.

Foi nesse período que começamos a tocar bastante em um lugar chamado Plataforma, localizado no bairro da Encruzilhada. Era uma casa esquisita, talvez um estúdio, não me lembro direito, mas lembro bem que no fundo da casa tinha um quintal com umas galinhas correndo e um palco improvisado ao nível do chão.

Um dia, tocando lá, vi um gordinho cabeludo com camiseta do Marilyn Manson, bêbado, deitado no chão. Parecia um mendigo. Aquele lugar fedia a cocô de galinha e a acústica... ops... alguém falou em acústica? Bom, quando começamos a tocar Operation Ivy, aquele menino catou o microfone e começou a cantar. Foi *ducaralho!* Não entendi nada. Eu achava que ninguém conhecia "Operation" naquela época, além de mim e dos meus amigos. Aquilo foi um susto. Ainda mais por ter vindo de alguém assim tão inusitado. Alguém naquela cidade estava vivendo na mesma

frequência que nós. Perguntei para uns amigos quem era aquele maluco. "Poxa, aquele é o Wlad. Ele escreve aquele fanzine, o Rebel Magazine".

O Rebel Magazine era um fanzine super bem feito, bem estruturado, com patrocínios, distribuído gratuitamente em todas as lojas de discos e afins da cidade. Ele vinha com textos recheados de palavras pomposas, e eu podia jurar que era um cara mais velho que escrevia. Fiquei em choque quando descobri que o cara tinha quase a nossa idade. Ou seja, um moleque.

Foram vários shows nesse ano. Todos em Santos. Metade deles no Plataforma e a outra metade no lendário bar, Chopp Chopp. Os do Plataforma eram os mais legais por serem de graça e sempre aos domingos à tarde. Aparecia gente da cidade inteira. Então, de repente, todos meus amigos do colégio começaram a aparecer. O Punk estava na moda. Todos curtiam punk, a diferença é que cada um chamava aquilo de um jeito.

Domingo sim, domingo não, tinha show. Tocávamos com todas as bandas undergrounds da cidade. Dos nossos amigos punks do Imperpheitos, do Burning Inside, do NBK aos amigos cristãos do The Crosswords. Foi nessa época que fiz os meus primeiros cartazes, sempre com recortes de jornal, que serviam de base para os nomes das bandas, que sempre vinham rabiscadas por cima, bem ao estilo dos cartazes que o Rancid publicou no encarte do disco "Let's Go".

Um dia, tínhamos um show no Chopp Chopp (um dos mais tradicionais espaços para bandas de rock se apresentarem na cidade) e o Junior, nosso baterista, não apareceu. Ficamos desesperados. Descobrimos que ele havia sido parado numa blitz e, por estar com maconha, tinha sido levado para o DP para dar explicações.

Para piorar, a banda estava meio dividida. Uma parte queria seguir a linha mais punk, e eu queria misturar mais a receita. O Junior fechava mais comigo, no entanto, com essa pisada na bola, a outra metade da banda viu a brecha para dar um basta. E então me pediram para tomar uma posição com relação ao rapaz da lambretinha.

Eu não tinha escolha. Marquei um encontro com o Junior, e ele já chegou dizendo que sentia que as coisas estavam meio esquisitas e que para evitar problemas, ia deixar a banda. Triste por um lado e um tanto aliviado por outro (por não ter que mandar ninguém sair da banda), comuniquei isso aos caras. Problema resolvido.

Na tentativa de manter a banda viva, o Jean marcou um ensaio com um amigo dele, o Fabiano (Riot Rodriguez), na bateria. Não deu muito certo. Aí, o Denys convidou o Estefan, para quebrar um galho e não ficarmos parado. Ele aceitou, e nós

seguimos fazendo shows.

Nessa época, o Jean começou a andar muito com o Rubens. Em pouco tempo, o Rubens e o Jean estavam com uma banda chamada Los Atiradores. O gênero? Ska com punk. Como o Rubens não era um baterista de ofício, ele acabou saindo e, um tempinho depois, o Junior começou a tocar com os caras.

Como eu me senti? Traído? Honestamente, não entendi nada. A meu ver, eu havia sofrido um golpe. Para melhorar, o Jean decidiu sair da banda para focar no Atiradores. Quer dizer, o Jean não queria o Junior porque achava que ele deixava o som muito puxado para o ska. Aí, me força a pôr o cara para fora da banda, dá um pé na bunda em mim e monta uma banda de ska com o mesmo cara?

Ok. Mesmo assim, fizemos um último e incrível show juntos. Curiosamente, eu achei um caderno com uma resenha, feita por mim para mim mesmo:

23/11/1997 - Plataforma Bar

Última apresentação do Jean no The Bombers. Show com Sui Generis, Burning Inside, Imperpheitos e The Crosswords. Havia um telão atrás do palco passando o jogo do Santos contra o Palmeiras, que terminou em 3 a 3. Toda vez que o Santos fazia um gol, a gente interrompia as músicas para comemorar. Apesar de todos os pesares, foi um show hilário.

Bom, eu precisava resolver as minhas coisas. Desejei boa sorte para o Jean e os meus amigos do Atiradores e decidi seguir em frente. Como? Eu não fazia ideia, mas o Denys estava comigo e eu sabia que a gente ia resolver essa porra. Além do mais, o Estefan parecia estar curtindo tocar com a gente.

No meio tempo, montei uma banda, o Skapuccinos, com o Gustavo Torresi, que durou uns quatro ensaios e uma apresentação. O meu foco, porém, era o Bombers e eu não ia jogar tudo para o alto. Ainda faltava um guitarrista, e então o Torresi me indicou o Wagner Tick.

O Tick tocava no Sui Generis com o Fernando Hago e o João Pita. Já havíamos feito uns shows juntos, tínhamos muitos amigos em comum e nos dávamos bem. O Torresi fez a ponte e o Tick deu a entender que iria topa. Vamos lá! Mais um round.

1998: A vida de Al Bundy.

Ouvindo: Misfits, "American Psycho"; The Slackers, "Redlight"; The Gadjits "At Ease"; Reel Big Fish, "Turn the Radio Off"; Descendents, "Everything Sucks"; Rancid, "Life Won't Wait"; Beastie Boys, "Hello Nasty"; Oasis, "Be Here Now"; Prodigy, "Fat of the Land"; Social Distortion, "Live at the Roxy" ; Everclear, "So Much for the Afterglow"

Antes mesmo do Tick topar a proposta de tocar com a gente, o Denys já saiu falando para todo mundo e dando como certo. Um dia, ele encontrou com o Tick e lançou: "aí, moleque, se prepara que tu vai tocar com a gente, hein!" O Tick não entendeu nada, mas esse era o jeito do Denys. Ele não era de fazer muita cerimônia mesmo.

De qualquer forma, o Tick acabou topando e o Estefan seguiu firme. Começamos a fazer alguns shows, mais ou menos na mesma pegada do ano anterior.

Em casa, o barco começou a dar uma afundada. Meus pais me aconselharam a arrumar um emprego, inclusive para que eu pudesse pagar a faculdade de jornalismo, que era o que queria fazer.

Comecei a trabalhar na Sapataria Deslumbrante. O pai do Joseph me arrumou essa vaga. Era uma loja de sapatos bem tradicional da cidade. Eu trabalhava de calça social azul, camisa branca para dentro da calça e cabelinho penteado para trás.

Todos os dias, de segunda a sábado, das 09hs às 20hs, lá estava eu perguntando para qualquer um que parasse na vitrine se não gostaria de entrar e experimentar algum calçado.

O gerente da loja era um cara muito rígido e impaciente. Ele passava o dia inteiro andando de um lado para outro, estalando os dedos e mandando ficar de olho nas pessoas que paravam na vitrine. Uma vez, ele arremessou um cinzeiro na menina que trabalhava como operadora de caixa e a mandou embora para casa.

Sempre que chegava o fim da tarde, ele saía para tomar um "suco de maracujá" e quando voltava, vinha e me pedia para saber o quanto eu já tinha vendido. Então ele me olhava sempre com a mesma cara de deboche e dizia: "é, amiguinho, não sei não, desse jeito, você vai ter que vender salgadinho na praia para ajudar a sua mãe a pagar as contas". Não que vender salgadinhos na praia fosse demérito, mas era óbvio o "bullying" embutido.

Eu não era um bom vendedor, não tinha experiência. Se fosse me comparar aos outros vendedores então, pobre de mim. Só que era exatamente isso o que o Seu Rogério fazia comigo.

Ele pedia o número com os valores das vendas dos vendedores, para na sequência, deixar bem claro o quanto eu estava fodido. Eu ficava aterrorizado. E isso tudo acontecendo ali, literalmente em frente à loja que era o epicentro punk-hardcore de Santos. Virava e mexia, aparecia algum conhecido e ficava zoando com a minha cara, enquanto lá dentro, minha autoestima era destruída pouco a pouco pelo meu gerente.

Ali, só trabalhavam homens que tinham por volta de 40 a 50 anos e eram vendedores de calçado profissionais. Nem tudo porém eram espinhos. Eu recebia meus R\$ 350 por mês (já que nunca batia a cota). Aos sábados, eu recebia um dinheiro de lanche e com isso eu aproveitava para almoçar no McDonald's, onde trabalhavam duas meninas que frequentavam os shows, uma era a Safitri e a outra era a Jessica (que no futuro, teria um papel muito importante na minha vida... mas isso é conversa para outra hora). Além disso, uma das minhas maiores alegrias era quando eu vendia um All Star para algum conhecido. Naquela época, ou você usava All Star ou aqueles tênis de skate que eu nem sei o nome. Óbvio que eu era da turma do All Star (e dos Ramones). E eu adorava saber que não estava sozinho no mundo. Aliás um dos meus maiores objetivos era vender um All Star verde limão horroroso que estava encalhado há anos no estoque. Obviamente, nunca consegui vender.

Lembra aquele menino que eu conheci no Plataforma, o Wlad? Pois bem... um dia ele apareceu no meu trampo. Eu obviamente pensei que ia conseguir empurrar o

All Star verde para ele, mas ao invés disso, ele pediu o número do meu bipe. Sim... o que vocês esperavam? Estamos falando de anos 90. As pessoas usavam bipe e não eram médicos. Minutos depois, veio um convite para participarmos de uma coletânea que ele estava montando em fita K7 chamada Rebel Tape. Cada banda deveria gravar uma música própria e um cover. Eu já sabia o que fazer.

O Estefan tinha acabado de montar o Studio G, na rua Dr. Carvalho de Mendonça, e lá fomos nós. Gravamos ao vivo três sons: "Wrong", "Being Strong" e "Someone's Gonna Die Tonight", do Blitz, um grupo britânico de Oi!

E então, veio o convite para o show de lançamento dessa fita. O show seria em um sábado à tarde. O problema é que os sábados eram dias sagrados na sapataria; a parte da tarde, então, nem se fala. Era o período em que a loja tinha mais movimento. Arranjei alguma desculpa esfarrapada e sai, literalmente, correndo da loja em direção ao Banana Grogue (local do show).

Cheguei lá todo suado e vestido de "Al Bundy" (que era a forma carinhosa que o Wladimir encontrou de me chamar). Para quem não sabe, o Al Bundy era o protagonista do seriado "Married... with Children". Interpretado pelo Ed O'Neill, o personagem era um fracassado vendedor de sapatos.

Peguei uma guitarra emprestada e subi no palco. Tocamos nosso set. Todos os presentes curtiram para caralho. Lembro-me de alguém me elogiar por estar vestido como um daqueles "caras do ska". Ahahahahahahahahaha! A partir daquele dia, as coisas ficaram um pouco mais interessantes, e nós decidimos que seria legal voltarmos ao estúdio para gravar as músicas da maneira correta.

Escolhemos sete músicas e gravamos. As quatro primeiras que ficaram prontas viraram a demo tape "Today Show". Eu mesmo fiz o encarte e escrevi uma lista de agradecimentos gigantesca, agradecendo (e de certa forma perdoadando) a todos que tiveram algum envolvimento com a banda até então. O Denys e a sua namorada na época, a Carol, estavam esperando um bebê e, no encarte, dedicamos a fita ao Nicollas, o mais novo Bomber Boy.

Nesse mesmo ano, tivemos um show com o Imperpheitos, o Punk Hyenas e o Gritando HC, no Banana Grogue. Estava tudo rolando perfeitamente até a gente começar a tocar "Smiling" e gritar "oi!" nos refrões. O Donald, vocalista do Gritando HC, subiu no palco, tirou o microfone do pedestal e começou a gritar que "...Oi! É o caralho! Aqui é anarquia punk". Eu larguei minha guitarra no palco e sai empurrando o cara e o chamando de todos os nomes que eu conhecia. Foi aquele caos. Na hora, já apareceu a "turma do deixa-disso", mas a coisa esquentou muito e fomos todos conduzidos para o lado de fora do pico.

Eu estava putado. Na minha cabeça, esse tipo de confusão era aceitável se viesse de qualquer um, menos de alguém que conhecia tanto de cultura punk. Lembro que o Donald estava muito bêbado e não conseguia argumentar nada, e eu lá, cheio de Coca-Cola pulsando nas veias, apontando o dedo e mandando "...essa é a minha casa, minha cidade e eu canto o que eu quiser nessa porra". Analisando isso hoje, é triste pensar que todo aquele debate e desinformação acabaram com a graça do show.

Posso dizer que, em 1998, já estávamos criando um público nosso. Dividíamos o palco sempre de forma bem heterogênea. Tocávamos com as bandas mais punks como o Cãibra Cerebral ou o Neurônios Dilacerados, com as mais metal-hardcores como o Schizophrenia, o Shuffle ou o Zenicodemus e com os nossos amigos ecléticos, do Sui Generis.

Tínhamos uma boa abertura com quase todas as bandas da região, em especial com os Imperpheitos, e, junto com eles, tivemos a ideia de organizar um show beneficente para arrecadar agasalhos. Conversamos com o dono do Banana Grogue, que topou liberar o espaço sem cobrar nada. Sendo assim, a entrada seria um agasalho que iríamos arrecadar para a instituição beneficente Casa Vó Benedita. Convidamos as bandas Make Your Choice, Gritos do Subúrbio e Sui Generis. O Fera, da loja Sound of Fish, que era mais velho que todos nós, tocava no Gritos do Subúrbio e nos ajudou a divulgar para a galera mais velha.

No dia do evento, espantei-me ao ver um menino de cabelo moicano e uma camiseta feita à mão escrito "The Bombers". Era o Daniel "Gordinho" Pereira, figurinha carimbada do rolê santista. Ele estava sentado na mureta do canal e me chamou para mostrar a homenagem. Eu me empolguei e comecei a achar que aquela tarde seria especial.

E não é que foi mesmo? Quinhentas e oitenta pessoas abarrotaram o Banana Grogue. Um local pequeno, onde antes funcionava uma pizzaria e agora estava ali com um monte de adolescentes, socada até o máximo. Punks, surfistas, skatistas, clubbers, metaleiros e adolescentes em geral agitaram durante todos os shows e só saíam na rua para recuperar o fôlego. Quando tocamos, foi absurdo. Dava para ouvir as pessoas cantando o refrão de "Smiling" mais alto do que as nossas próprias vozes. Foi de arrepiar. Não teve uma briga nem nada que estragasse aquela tarde, a não ser por uma menina que quebrou o pé ao dar um salto do palco e, surfando na multidão, meter uma bicuda no ventilador de teto, que estava ligado.

O Estefan havia levado um saco de baquetas velhas e quando o show acabou, arremessou aquele monte de baqueta na direção da galera. A gente se cagou de rir. Os Imperpheitos tinham feito camisetas do evento com o nome de todas as bandas.

Adoraria ter guardado uma até hoje. Aquele show foi lembrado por muito tempo e influenciou uma série de shows beneficentes conhecidos como "Hardcore Solidário".

Daquele dia em diante, era raro fazermos shows para menos de cem pessoas.

1999: Mamãe, posso sair e ser punk hoje a noite?

Ouvindo: Backyard Babies, "Total 13"; D Generation, "No Lunch"; The Offspring, "Americana"; No Fun at All, "No Straight Angles"; Blink-182, "Enema of the State"; Joe Strummer, "Rock Art and the X-Ray Style"; Misfits "Famous Monsters"; Foo Fighters, "The Colour and the Shape"; Common Rider, "Last Wave Rockers"; Paralamas do Sucesso, "Acústico MTV"; Marky Ramone and The Intruders, "The Answer to Your Problems?"

Fomos para o estúdio e finalizamos a gravação das sete músicas. As sessões foram divertidíssimas, sempre durante a madrugada. A gente vivia um dia inteiro, trabalhava, estudava e, à noite, íamos para o estúdio. Acabávamo-nos em esfihas de carne e queijo e Coca-Cola noite adentro, até de manhã, gravando as músicas. Uma das noites que mais me marcaram foi quando gravamos "Smiling". Eu a cantava em um tom abaixo do que foi gravado. Lembro-me do Estefan me forçando a subir o tom e fazer a música "estourar" no refrão.

No primeiro dia, ele me pediu para desistir e ir para casa treinar. Recordo-me de falar para ele que existia um tal de Auto-Tune, que todo mundo estava usando. Ele me respondeu dizendo que nenhuma banda que eu curtia tinha usado esse programa e que, se eu quisesse ser um dos grandes, eu deveria aprender a cantar sem depender disso. Eu nunca pensei em ser um dos grandes, mas achei interessante ser desafiado. Voltei no outro dia e a matei na primeira. "E aí Estefan? Tá bom para você?" Ele respondeu: "vindo de quem é, tá ótimo!" Ahahahahahahahahaha!

Faltava o refrão. Então convidamos uns amigos que tinham voz de homem (e não de menino) para a empreitada. Chamamos o Wlad e o Rodrigo (que, na época, escreviam o Rebel Magazine) e o Fabiano Riot. Eles cantaram o refrão de "Smiling" a

primeira vez, e o Estefan reclamou que faltava energia. Paramos para comer uma pizza borrachuda, e quando eles voltaram para tentar mais um take, eu tive a brilhante ideia de pegar os pedaços de pizza e invadir a sala de gravação pelado, esfregando os pedaços pelo corpo. O resultado foi o que queríamos. Bagunça. Crises de riso e urros. “Smiling” estava finalizada. O "7 Songs", um disco 100% gravado e produzido por quatro moleques na faixa dos 18 anos, estava concluído.

Naquela altura do campeonato, o Denys tinha acabado de ter o seu filho, o Nicollas, e a gente começou a se enxergar cada vez mais como família. O Tick ainda andava mais com a galera da rua dele, e eu comecei a andar bastante com o Wlad, que acabou se tornando meu melhor amigo. O motivo? Pais com inclinações políticas parecidas e realidades financeiras muito próximas, além do nosso gosto abrangente por rock em geral. Ele achava normal gostar de Guns N' Roses, Rolling Stones, Rancid e Social Distortion assim como eu. Seu Eduardo e Dona Myrtha, os pais do Wlad, sempre nos deixaram super à vontade e, por conta disso, eu sempre ia visitá-los.

Eu e o Wlad arranjamos uma cópia do VHS de "Another State of Mind", um documentário sobre uma tour realizada no verão de 1982 pelo Social Distortion com o Youth of Today. Aquilo virou nossa bíblia e viver aquilo, o nosso sonho. Organizar uma tour com as bandas compartilhando um ônibus reformado. Quem diria que, um dia, um de nós realizaria isso, não é mesmo? Isso, porém, é outra história, mais pra frente eu conto. Além disso, a cena do Mike Ness se maquiando no banheiro era o ápice.

Eu cheguei a fazer um show maquiado de acordo com aquela técnica tosca dele. Lápis preto delineando os olhos e depois borrando tudo com água. Nesse dia, eu peguei um sabonete e, com a ajuda do Wlad, espetei meu cabelo todo para cima e para os lados. Eu estava parecendo uma árvore de natal gótica, com lápis nos olhos, cabelo espetado e unhas pintadas de preto. Durante o show, o suor começou a escorrer por todas as partes do meu corpo e lá se foi aquele sabonete todo do meu cabelo para os meus olhos, que ainda contavam com delineador preto. Foi, provavelmente, um dos shows mais sofridos que eu já fiz na vida.

Apesar de ser meu amigo e cabelereiro nas horas vagas, Wlad e eu tínhamos nossas diferenças. Eu vivia na rua, fazendo social e sendo amável, enquanto o Wlad tinha asco de esbarrar com as pessoas em geral e me dizia para ser que nem ele. Estamos falando do período em que ocorreu o auge da Ilha de Conveniência. Um complexo urbano, com vários boxes vendendo bebidas e alimentos, localizado na avenida da praia, bem em frente ao famoso “Quarteirão da Conselheiro Nébias”. Todo mundo ia para lá. Tudo acontecia lá. Eu me lembro de dar boa noite para a namorada, dizia que ia para

casa dormir. Aí eu parava em um orelhão e ligava dizendo que já estava na rua de casa quando, na verdade, estava me preparando para passar a noite inteira lá na Ilha.

Numa dessas noites, trombei com os amigos do Imperpheitos, que nos convidaram para um show em um congresso de tatuagem que seria realizado na London London. Eles tinham dois tatuadores na formação e sendo assim, viviam naturalmente envolvidos com este mundo.

A London London, tão importante por ter sido a primeira balada que tocava punk, hardcore e ska em geral, não era mais a mesma de outrora, mas mesmo assim, era um objetivo de vida tocar lá. Topei na mesma hora. Antes de falar com os caras da banda.

No dia, estávamos todos empolgados e o clima era ótimo. Começamos a tocar e a resposta do público foi ótima de imediato. Roda-punk para todo lado e alguns "sing along". Tudo fluindo da melhor maneira. E então, lá pelos 15 minutos de apresentação, um tal de "Guardinha", que estava na cabine da mesa de som – e se não me engano, gerenciava a casa – simplesmente cortou nosso áudio. Sem nenhum motivo. O acordado era que todas as bandas teriam 30 minutos para se apresentar. Tudo estava dentro do cronograma.

Não entendi. Se o show estivesse ruim, se as pessoas estivessem depredando a casa... mas nada tinha acontecido. Nada justificava aquilo. Lembro me até hoje de estar apresentando a próxima música e, de repente, ouvir "Tríado", do Skuba, em vez dos nossos instrumentos. Tomei um susto. O público também. E então o que se ouviu foi um urro. Uma grande vaia. Aquilo me mostrou que eu não estava sozinho. O público estava do nosso lado.

Olhei para a cabine de DJ (que ficava em um nível acima do palco) e pedi para pararem com a música. Nessa, eu vi o tal do "Guardinha" e mais um otário comemorarem a "zoeira" fazendo algum cumprimento de surfista, tipo os que o Juba e o Lula faziam na série "Armação Ilimitada". Catei minha guitarra, improvisei um taco de beisebol e sai arrebrandando o palco inteiro, sem dó.

Cortaram o som da casa. Silêncio. O DJ lança um: "cata essa porra seu filho da puta", direto da cabine para os PA da casa. Eu olho para ele e dou uma bicuda nos microfones que já estavam no chão. O caos, literalmente, explodiu na casa. Foi um corre-corre dos infernos. Não tinha para onde fugir. Lembro-me de ver os caras tentando descer da cabine de DJ direto para o palco e o Denys impedindo, batendo neles com o baixo.

Sáimos do palco e eles começaram a nos caçar dentro da casa. As portas estavam trancadas. Ninguém entrava e nem saía, e os seguranças da casa não

fizeram nada. Nisso, o Estefan subiu no palco e fez algum discurso junto com o Calucho, baixista do Imperpheitos, sobre o que estava acontecendo, meio que para tentar acalmar as coisas. Então, o Sr. Estefan solta a seguinte pérola no microfone: "é sempre assim... quando a molecada está se divertindo, sempre aparece um pau no cu para foder com a diversão da galera". Ele foi ovacionado.

Quando ele desceu do palco, o tal do Guardinha, veio correndo do meio do nada e meteu um soco suingado na cara dele. Lembro como se fosse hoje, a cara de espanto do Estefan com um corte enorme abaixo do olho que jorrava sangue. Eu vi de longe. Arremessei uma lata de Coca-Cola e corri para o quebra-quebra. Em vão. Logo na sequência, alguém conseguiu chamar a polícia e nessa, foi todo mundo para o DP. Assim terminou nosso show na London London: muita pancadaria e o Estefan com alguns pontos debaixo do olho.

Algum tempo depois, o Denys sofreu um gravíssimo acidente de moto. Ele trabalhava como motoboy na época e estava na Zona Noroeste de Santos fazendo uma entrega quando foi atingido por um outro motociclista. Ele foi levado às pressas para a UTI da Santa Casa.

Lembro-me de receber uma ligação do Tick avisando que a coisa era séria e que o Denys tinha perdido o braço. Fiquei desesperado. Todos procuravam alguma informação ligando um para a casa do outro. A notícia correu a cidade. O Denys sofreu um acidente de moto e perdeu o braço. Que desgraça.

Fomos para o hospital e chegando lá, apavorados, soubemos que o acidente havia sido gravíssimo, mas ele havia perdido o baço, não o braço.

Ficamos um pouco mais tranquilos. Afinal, nem sabíamos para que servia um baço, porém um braço a gente sabia muito bem.

Na primeira vez que liberaram as visitas, o Denys estava com a barriga toda costurada e a mão também. Inclusive, costuraram o polegar de um jeito que o deixou sem movimentos. Sendo assim, iriam abrir a mão e costurar de novo. Ficamos uns bons meses parados.

Nessa época, eu passava boa parte do meu tempo livre na Sound of Fish, a loja do Fera. Até que um dia, o Wlad me convidou para montar uma banda. Concordei. E a chamamos de Anti-Fashion (inspirado numa faixa do Social Distortion). Convidamos o Fera, que convidou o Netinho (um amigo dele) e juntos viramos uma banda. Não posso negar que foi divertido demais tocar nessa banda, com exceção dos ensaios que aconteciam aos domingos de manhã. Era tudo o que eu precisava para me manter ocupado, sem parar de tocar, enquanto o Denys se recuperava.

Eu e o Wlad ficávamos brisando em roteiros de clipe inspirados no "Mágico de Oz" e autoparodiando as letras da banda. Tinha uma letra que era: "I need something

to kill this pain, before this pain kill me", e eu dizia que era música sobre "matar a Espanha". Entendeu? Ok... eu explico. "I need something to kill the Spain, before the Spain kill me.". Duh!

Infelizmente, quando o Denys voltou a tocar, eu não consegui mais conciliar as duas bandas e então segui com o Bombers, com shows cada vez mais caóticos. Guerras de cuspe, ofensas e desrespeito de todos os tipos faziam parte do nosso repertório, graças a mim. Estefan, Denys e Tick eram bonzinhos. Não que eu fosse malvado, mas eles eram bem menos problemáticos nas apresentações.

Mesmo com tanta confusão, nossos shows mantinham uma boa média de público.

Lembro-me de escrever um guia de sobrevivência para quem fosse ao nosso show e de subir no nosso site, hospedado na HPG. E com esse jeitinho meigo, desrespeitando, fazendo guerra de cuspe, arrumando briga, fomos eleitos em votação do público para o Rebel Magazine, como Melhor Show do ano de 1999. Aquilo foi incrível.

Quer dizer que para a galera que frequentava os rolês da época, o Bombers era o melhor show para se assistir naquele ano? Uau! Quer dizer que mesmo com todos aqueles shows gringos acontecendo na cidade e com o Bombers se destacando absurdamente, nunca fomos convidados para abrir nenhum deles? Nunca entendi nada, mas não me deixava abalar por isso e seguia fazendo o meu. Mentira... Hahahahahahahahaha!

Lembro-me de dar uma entrevista pro Surfcore Zine e falar um monte de merda sobre a geração anterior à nossa. Bem aquela coisa de moleque despeitado. O que eu realmente posso dizer hoje é que os shows de bandas internacionais em Santos movimentaram a cena, este é o lado positivo. Porra, em 1999, já tínhamos assistido a shows do Bad Religion, do NOFX e do Shelter na nossa própria cidade, o que colocava Santos como rota das turnês internacionais. O lado tosco disso é que sempre as mesmas bandas abriam os shows. E quando não eram as mesmas, eram aquelas que soavam como elas de alguma forma.

Mais ou menos nessa época, começaram a aparecer uns meninos mais novos nos shows, com camiseta de super herói e sei lá eu o quê. Eles tinham mais ou menos a idade do meu irmão mais novo, uns 12 anos, e agitavam demais. Tempos depois, eles começaram a aparecer vestidos com calças jeans dobradas, camisas polo, coturnos e suspensórios nos shows, autointitulando-se como "os Moonstompers".

Nesse mesmo ano, eu fui a São Paulo entrevistar o Marky Ramone, no QG da Trama, junto com o Wladimir e o Júnior, do White Frogs. Aliás, justiça seja feita,

dessa turma mais velha, o cara que eu mais admirava pela postura e que mais ajudou o Bombers, foi o João Veloso Júnior.

Um dia, ele me contou que a banda dele, o White Frogs, ia sair em turnê com o Down by Law e me pediu umas cópias da nossa demo para distribuir pelo país. Mais para o final do ano, ele nos convidou para darmos uma entrevista em seu programa, o Microfonia, que rolava na rádio Enseada FM. O Microfonia era um programa totalmente voltado para as bandas da região. Para elas e por elas. Eu não perdia um episódio. Na verdade, independentemente de qualquer coisa, todo domingo eu estava lá pessoalmente para encher o saco. Nessa época, eu conheci o Rodrigo Branco, que apresentava o Midnight Metal, um programa dedicado, obviamente, ao Heavy Metal, e era um ufólogo de carteirinha. Eu adorava aquele lugar.

Eu usava uma cueca de oncinha, um fato super comentado na época (não me pergunte o porquê) e então, o Júnior teve a brilhante ideia de sortear-la em um programa. O que era uma piada, foi levado a sério e várias pessoas ligaram para ganhar essa porra, o que torna tudo isso mais bizarro ainda. Eu nunca entreguei minha cueca. Alguma namorada acabou jogando fora.

Meses depois, fui convidado a dar uma entrevista, por telefone, direto de casa, para uma rádio pirata no Morro da Nova Cintra. O “gancho” era o primeiro show dos cariocas do Carbona, em Santos. E lá estávamos nós, ao vivo na rádio, quando então eu disse que estávamos todos “na minha casa usando todos os tipos de droga” (o que era uma mentira absurda, totalmente nonsense) e que não via a hora de “foder o Guardinha”, já que ele tinha tentado me foder.

O Wlad, que apresentava o programa (o qual eu não me lembro do nome), disse que foi um pandemônio na rádio, com um monte de ouvintes reclamando, patrocinadores ligando possessos por causa dos palavrões que eu disse na transmissão, além do próprio Guardinha, que apareceu por lá para me pegar e que ao não me encontrar, me jurou de morte. Os caras do Carbona ficaram em choque. Ah... e o show foi um sucesso. Foi realizado no mesmo local onde antes funcionava o Chopp Chopp, mas, na época, estava rebatizado como Armazém 7. Organizado pelo Rebel Magazine, deu bastante gente, como sempre acontecia, e para finalizar com chave de ouro, meu pai ainda fez um churrasco para os caras do Carbona depois do show.

Sobre o show, que também contou com o Hillvalleys (RJ), o Riot 99 e o Rubbermade Ducks, saiu uma resenha no Rebel Magazine:

"Para fechar o festival, lá estava a banda mais circense e unânime de Santos, o The Bombers. O público, mesmo exausto, cantou e se matou de pogar e dar stage dives

em sons como “Wrong”, “By the Way”, “Smiling” e no cover do Rancid, “Side Kick”. Neste show o Bombers mostrou que apesar de não fazer parte do dito “Mainstream do Underground”, tem o público na mão e muito mais carisma do que várias bandas ditas “grandes” por aí.

Do show do Bombers, posso destacar, algo diferente: ao invés de alguma música, destaque para o baixista Denys, que apesar de estar se recuperando de um grave acidente, mandou bem e agitou o show inteiro, ignorando as dificuldades causadas pela fatalidade. Parabéns à força de vontade dele. E destaque também para o final apoteótico do show, com Matheus arremessando sua guitarra na bateria e sendo ovacionado por todos”.

2000: O Punk-Skinhead-Cruz-Invertida-Pop-Dance da Baixada Santista.

Ouvindo: Green Day, "Warning"; No Doubt, "Return of Saturn"; NOFX, "Pump Up the Valuum"; Rancid, "S/T"; Guns N' Roses, "Live Era '87-'93"; Carbona, "Back to Basics"

O ano começou com a gente iniciando as conversas com o Júlio Linhares, da Barulho Records, que havia recebido do Júnior, do White Frogs, nossa fita demo e estava interessado em lançar aquele material na terceira edição da coletânea "Hey Punk Rockers", compilação que havia revelado bandas como Randal Grave, Hulk, Wacky Kids, Rivets, Sugar Kane, The Invisibles, Sorry Figure, A-OK, Overjoyed, Boobarellas, entre outras. Não é exagero dizer que a Barulho Records era o melhor selo do cenário rock brasileiro e, obviamente, nós estávamos super empolgados.

Seguíam os shows sem fim e, aparentemente, sem propósitos, já que não conseguíamos sair da Baixada Santista para nada. Sentíamos que precisávamos nos aproximar das bandas paulistanas, pois pelo jeito, elas estavam mais alinhadas ao nosso estilo de som.

Recebemos um convite para fazer um show com o Holly Tree, no Teatro Rosinha Mastrângelo, um pequeno teatro de arena anexo ao Teatro Municipal de Santos. Seria mágico. "Bombers e Holly Tree no Teatro Rosinha Mastrângelo." Tudo certo e nós estávamos animados por dividirmos o palco com uma banda que pensava punk rock de uma forma parecida com a nossa.

O George, vocalista do Holly Tree, era um dos melhores amigos do Wlad, que era quem estava organizando o evento. Ele ligou para o Wlad para tirar algumas dúvidas sobre o show. Uma das perguntas foi se "esse Bombers é o mesmo que está em contato com a Barulho Records." O Wlad respondeu que sim. E então o George disse que não achava legal o Holly Tree dividir o palco com uma banda que pudesse roubar o foco da noite deles. Sendo assim, fomos colocados para fora do show. Fiz questão de não ir ao show e nem sei o que aconteceu. Acredito que eles devam ter tocado suas canções sobre odiar a escola ou sobre a chatice de passar a tarde na casa da vovó e um ou outro cover manjado do Green Day.

Por mais chateado que eu tivesse ficado, aquilo também me fez pensar muito no que estávamos fazendo. Quer dizer, a banda que estava bombando na MTV, lotando o Hangar 110 tinha medo da gente? Alguma coisa estava acontecendo. E assim, prometi a mim mesmo que nunca seria cuzão dessa forma com nenhuma banda.

Enquanto isso, eu havia iniciado o curso de Jornalismo, na UNISANTA, e minha vida profissional ia de mal a pior. O gerente da loja ficava puto da vida por eu ter que sair todo dia às 18hs para estudar e ameaçava me demitir dia sim dia não. Até que um belo dia, eu me irritei com aquela pressão toda.

Eu tinha vendido um sapato feminino para uma noiva, mas tive que pegar a peça que estava na vitrine. Era um sapato branco caríssimo. Todos fizeram aquela festa e me parabenizaram, com exceção do gerente, que chegou e me deu uma bronca por ter bagunçado a vitrine. Foi a gota d'água. Eu fiquei puto. Fui até a vitrine e derrubei todos os sapatos. Mandei tudo para o chão e fui até a cozinha pegar minhas coisas e ir embora.

O gerente veio atrás de mim, mas eu fui mais rápido. Quando saí da cozinha e entrei no salão, ele estava babando de ódio. Mandei-o tomar no cu com a voz mais grossa que eu pude fazer. Ele ficou em choque. Disse-me que eu estava descontrolado e, por pouco, não saímos na mão.

Obviamente, eu fui demitido. Como eu ia pagar minha faculdade? Eu não conseguia arranjar emprego em lugar nenhum e sabia que o fim do sonho de ser jornalista era uma questão de tempo.

Por outro lado, comecei a escrever uns textos para o Rebel Magazine, e a gente usava a gráfica da faculdade para imprimir fanzines. Desempregados, eu e o Wlad passávamos nossas tardes em bares comendo Fandangos, bebendo Coca-Cola de 2 litros e falando de rock.

O Bombers seguiu fazendo shows pela Baixada Santista, sempre cheios. Lembro-me em especial, de um com o Ack, o Randal Grave e o Carbona, que chamamos de "Sabadão do Punk Mentiroso", organizado por nós mesmos na quadra de ensaio da escola de samba Real Mocidade. Então veio o inverno e a ideia de uma nova campanha do agasalho despertou das trevas.

Recebemos um convite para tocarmos em um show beneficente com o Imperpheitos, o Calibre 12 e o Febre Mental. Naquela época, nós meio que começamos a ser pichados como os demônios da cena. Éramos uma banda briguenta, que gritava "oi!" e influenciava a disseminação daquela cultura para uma galera mais nova.

Sempre tive um bom entendimento de música e da cultura Oi!, e nisso preciso agradecer muito ao André Luiz, um ex-skinhead que havia se convertido ao Hare Krishna, que conheci nas quadras de basquete do SESC Santos. Foi ele quem, na época, quando soube o que eu estava aprontando com o Bombers, emprestou-me o livro "Espírito de 69", do George Marshall, e me gravou umas fitas com tudo o que eu precisava conhecer. Além dele, também tiveram papel importante nisso alguns amigos como o Paraguaio, o David, o Cleiton e o Tim Armstrong. Ehehehehe!

Voltando ao nosso drama punk-skinhead-cruz-invertida-pop-dance, ou seja lá o que fosse, existia uma galera que vivia pegando no nosso pé, espalhando que éramos todos racistas, nazistas e ajudantes do homem do saco.

Então estou andando com o Wlad pela rua Dr. Carvalho de Mendonça, a caminho do Studio G, quando trombamos com dois integrantes do Febre Mental. Eu não fui reconhecido por eles. No entanto, eles nos pararam para divulgar o show. Eles nos entregaram flyers e puxaram conversa. Eu me fiz de idiota e perguntei o que tocava cada banda. Eles me disseram que o Calibre 12, o Imperpheitos e o Febre Metal eram punks e que o Bombers era uma banda merda, meio pop, que só estava lá porque tinha público. Fiquei na minha. Engoli a seco e planejei meu golpe.

No dia do show, eu fui vestido com uma jaqueta de moletom estampada com o demônio nas costas e fiz questão de sermos a banda de abertura. Subimos no palco e eu vi a cara de espanto daqueles filhos da puta. Eles me olhavam como quem diz: "esse aí não é aquele cara que estava com o Wlad? O que ele está fazendo no palco com uma guitarra?" E foi então que eu finalmente me apresentei para eles e para todos as outras 200 e poucas pessoas. Tudo pronto, eu cheguei no microfone e disse: "NÓS SOMOS OS FILHOS DA PUTA DO BOMBERS DE SANTOS" Dali pra frente, foi um caos e um empurra-empurra do caralho. Sem brigas nem nada. Só aquele tapa na cara com luva de pelica. Afinal, respeito é bom e todo mundo gosta, não é mesmo? Se você topa tocar com uma banda que você não gosta ou não respeita, você precisa rever seus conceitos.

O show, em si, foi um caos. O Fabiano Riot passou a apresentação inteira no palco, esperando a hora de apartar alguma briga, o Wlad foi com uma provocativa camiseta escrito "Oi! Um grito de União" e o "Japonês", também conhecido como Cleydson Uenaka, vocalista da banda Getting Mental, ficou no palco o tempo inteiro, dando uma força como roadie.

Quando o show começou, foi uma algazarra. Um empurra-empurra, roda-punk, mosh sem fim. Uma hora, fui fazer um solo, o único que eu fazia na época, na música "The Price", e me puxaram do palco. Eu me desequilibrei e alguém desafinou minha guitarra. Comecei a dar com o braço do instrumento na cara das pessoas que

estavam me puxando e por lá fiquei até o fim da música. Quando voltei, dei minha guitarra pro "Japonês", que a afinou rapidinho e me devolveu. Eu toquei uns 30 segundos, tirei-a e a joguei no chão, subi nela e comecei a surfar em cima da coitada da Stratocaster. O bondoso Sr. Uenaka a pegou, afinou de novo sem que eu percebesse e me devolveu. Mais uma vez, atirei-a no chão, subi nela e dropei mais algumas ondas imaginárias, mas ele cansou dessa palhaçada, e sei lá como me virei até o final da apresentação. Uma noite inesquecível.

Tempos depois, o Wlad se mudou de Santos para São Paulo. Senti um baita peso. O filho da puta era meu melhor amigo e ao decidir ir embora, eu me senti um pouco sozinho.

Na sequência, fomos para o Rio de Janeiro e fizemos um show com o Carbona, o Skore e o Eight Microwaves em um bar, em Botafogo. Foi a primeira vez que saímos do estado de São Paulo. Para você ter noção, nós nunca tínhamos tocado na cidade de São Paulo, e lá fomos nós para o Rio de Janeiro. Seis longas horas de ônibus. Lembro que fiz o show com uma camiseta do The Specials e a animação da galera foi forte. Se eu não me engano, foi nesse dia que eu conheci o André Tor, do Zumbis do Espaço.

O Estefan terminou o show e pegou um avião para voltar a Santos porque tinha compromisso com uma outra banda. Esses compromissos rendiam uma grana pro Estefan, e o Bombers, muito pelo contrário. Eu, Denys e Tick ficamos no Rio e passamos a noite inteira na Vila Mimosa com a galera das bandas, esperando as primeiras horas da manhã para pegar o ônibus de volta a Santos.

Nessa época, o Lucas Krempel, meu querido irmão caçula, começou uma banda chamada Gas Burner, e eu fiz um show com eles, além de auxiliar nas composições.

Detalhe curioso, o Gas Burner foi a primeira banda da família Krempel, a tocar na cidade São Paulo.

2001: Irreponsáveis pirotecnias.

Ouvindo: Backyard Babies, "Making Enemies Is Good"; The Hellacopters, "High Visibility"; Johnny Thunders and The Heartbreakers, "Live at Max's Kansas City"; The Clash, "From Here to Eternity: Live"; The Slackers, "Wasted Days"; No Doubt, "Rock Steady"; Blink-182, "Take Off Your Pants and Jacket"; The Strokes, "Is this It"; The White Stripes, "White Blood Cells"; The Hives, "Veni Vidi Vicious"; The Brian Setzer Orchestra, "Vavoom!"

Finalmente, saiu a coletânea "Hey Punk Rockers Volume 3", com o Bombers. Choveram elogios em diversas resenhas. Uma bem marcante foi a da Rock Press, escrita pelo Fabio Seidl (que também tocava no Ack):

"Mais uma coletânea da série do selo paranaense Barulho. Esta traz bandas de alto quilate como Colide (RS), os fabulosos Bombers (esta empolgante turma de Santos já merece um álbum próprio faz tempo!) e as curitibanas A-OK e Boobarelas (infelizmente, só com uma música). Completam a escalação: Overjoyed, o surpreendente Why Not?, Faulty Puzzle e My Dog is a Virgin. É, com todos estes, dá para arriscar dizer que este pode ser escolhido por muita gente como o melhor Hey Punk Rockers até aqui. Escute, conheça um monte de bandas legais e tire suas conclusões. (Barulho Recs. Cx Postal 18832/Curitiba/PR/ 80410-832)."

As coisas estavam ficando mais sérias e nós, cada vez menos. O Estefan começou a ter mais trampos com sua outra banda, o Radiosonix, e começou a não ter muito tempo para "brincar" com a gente. Mesmo assim, ele nos conduziu até o estúdio para gravarmos outras duas faixas. Gravamos "By the Way" e "No Time". Um ska e um "rockão".

Mais uma vez, tudo foi divertido demais. Lembro-me de gravar o solo da "No Time" no improviso, na maior cagada. O Tick estava tentando criar um solo para a metade da música e não estava conseguindo. Aí eu tirei uma onda, fiz uma pose e sai tocando qualquer coisa. Essa qualquer coisa ficou foda e eu nunca mais soube fazer aquilo. Sorte que o Estefan gravou a minha tentativa. Se eu tivesse que repetir, com certeza, não daria certo.

Nessa época, começamos a procurar alguém para ser um substituto para os shows que o Estefan não pudesse fazer. Para piorar, ele desenvolveu uma tendinite muito grave, e como tínhamos um show marcado, em uma danceteria chamada

People (antiga Planet Z, local onde rolou o show do NOFX), precisávamos de um plano B.

O Tick ensaiava na garagem do seu prédio com a sua outra banda, o Sui Generis. Ele passava, às vezes, um dia inteiro lá dentro. Quando não estava lá, ele estava na rua andando de skate com o Denys (que, na época, estava morando na mesma rua). Quando o baterista do Sui Generis dava um tempo, geralmente para fumar um cigarro, ele dava brecha para o Bruno, um menino bem magrelo que assistia aos ensaios, sentar na bateria e sair tocando com os caras. Com o tempo, o baterista saiu e eles chamaram esse menino para assumir as baquetas. Ele já tocava uns reggae e curtiá muito o Sui Generis. Sendo assim, acabou entrando para a banda deles.

Voltando ao Bombers, quando nos vimos naquela situação de desespero, o Tick deu a ideia de convidar esse menino para tocar com a gente. Fizemos uns dois ensaios e fomos para cima.

O show não foi lá essas coisas. O palco era super alto e não tínhamos muito contato com o público. As nossas músicas, que geralmente eram tocadas a 120 km/h, estavam soando como se o limite de velocidade fosse 80 km/h. E para piorar, ou dar uma certa tensão para todos nós, o Estefan foi ao show e assistiu tudo de mão enfaixada. Quase no final do show, partimos para a “Smiling”, o nosso ska, e aí o menino arrebentou. Quando rolou o “breakdown” do meio da música, onde geralmente brincamos de improvisar um reggae, o negócio ficou doido. “Senhoras e senhores, na bateria, Bruno Graveto.”

Com o tempo, o Estefan acabou deixando mesmo a banda e o Graveto, oficialmente, tornou-se nosso baterista. A sua performance melhorava absurdamente de um show para o outro. Tocamos em muitas verduradas com distribuição de rango vegano e tínhamos uma ótima relação com a cena straight edge de Santos, que era muito forte com bandas como o Brick By Brick, Final Expression, Live by the Fist e o Inner Struggle.

Com essa formação, fizemos um show no 108 Skate Park, em Guarulhos, e conhecemos os Underboyz. Eu me lembro de estar tocando o riff de "Six Feet Under", do Neurotic Outsiders na passagem de som, e isso fez que o Leandro Gonçalves, vocalista e guitarrista da banda, viesse e se apresentasse, perguntando-me se aquilo era Neurotic Outsiders.

No final da nossa apresentação, ele rasgou elogios, disse que lembrava The Clash e se eu não me engano, até lançou uma ideia de montarmos uma banda. O que não fazia muito sentido para um cara como eu, que morava na praia e mal conseguia dar conta de uma banda.

Assistimos ao show do Underboyz e também achei muito foda o som deles. Ficamos amigos de cara e combinamos que marcaríamos mais shows juntos.

Nossa querida e estimada Ilha de Conveniência, ponto de encontro da turma, começou a servir de palco para uma certa tensão. Alguns pseudopunks idiotas nos acusavam de fascismo, nazismo e sei lá eu o quê. Eles não desistiam de ficar no meu pé. Uma vez, a namorada de um deles veio me intimidar, metendo o dedo na minha cara e me acusando de um monte de asneiras. Era uma menina de cabelo rosa, estilo meio clubber e muito bocuda chamada Ariane. Tempos depois, ela assumiria o apelido "Lady Rocker" e nos tornaríamos bons amigos.

Voltando a nossa querida ilha, o clima era sempre tenso. Uma noite, estava eu por ali quando vieram me contar que essa turma estava planejando intimidar meu irmão por conta da banda dele (Gas Burner) também ter uma música com grito de "oi!". Era só o que faltava. Chamei o Fabiano Riot para me acompanhar e fui tirar satisfações com esses rapazes. Eu não me lembro de dar boa noite, mas me lembro de muito xingamento e muitas garrafas de cerveja cruzando os céus do bairro do Boqueirão. Até a "turma do deixadisso" aparecer, a gritaria já tinha espantado todo mundo da Ilha.

Depois disso, a casa caiu. Na verdade, a Ilha de Conveniência já estava agonizando por conta da falta de policiamento e de cuidados, até a prefeitura decidir pelo seu fechamento por conta da reclamação dos vizinhos da orla da praia. Uma tristeza é olhar para esse espaço hoje, condenado e inútil, e lembrar da importância que teve um dia para vida jovem de Santos em geral.

2002: Living La Vida Loca.

Ouvindo: The Donnas, "Spend the Night"; Duff McKagan, "Beautiful Disease"; Neurotic Outsiders, "S/T"; Joey Ramone, "Don't Worry About Me"; The Libertines, "Up the Bracket"; Oasis, "Heathen Chemistry"; Charlie Brown Jr., "Bocas Ordinárias"; Cachorro Grande, "Cachorro Grande"; Transplants, "S/T"

Nesse ano, relançamos o "7 Songs" como "7 Songs and 2 Bonus Tracks". Digo relançamos, mas, na verdade, esse material nunca foi lançado oficialmente por ninguém (e muito menos relançado). Tirando metade das músicas terem saído na "Hey Punk Rockers Vol. 3", ter um disco totalmente nosso prensado, não era uma realidade. Este disco era feito por nós mesmos ou, melhor dizendo, pelo Tick, que tinha um gravador de CD e fazia algumas cópias para distribuímos nos shows.

Não tínhamos banquinha para vender camisetas nem adesivos. Éramos uma verdadeira negação. E, logo, isso se tornaria um problema para nós. Sem renda e cada vez mais estrangulados pela demanda da vida profissional. Essa nossa falta de visão de mercado e total desapego começaram a influenciar em como as pessoas viam a banda. Uma banda amadora e sem pretensão nenhuma.

E então, finalmente, após anos de banda, o Leandro, do Underboyz, faz um convite para tocarmos no mítico Hangar 110, em setembro num show comemorativo de 50 anos do Dee Dee Ramone. Foi uma alegria enorme para nós. Foi a nossa primeira vez na maior casa de show voltada para o punk rock e afins no Brasil.

Alugamos uma van, organizamos uma excursão e subimos a Serra. A van se perdeu, pegou neblina na subida, e nós quase perdemos a hora do show. Chegamos e fomos encaminhados diretamente para o palco. Cortinas fechadas, e me lembro de que eu tremia naquela porra e não conseguia plugar o cabo da guitarra no amplificador.

A banda estava se preparando e eu pedi um cigarro para o Gilmar Carrasco, que era um amigo nosso e estava meio que dando uma força para nós ali. Ele foi super solícito e me trouxe um cigarro. Eu acendi, puxava e não vinha fumaça, e aquilo foi me deixando mais nervoso. Só então que eu me liguei que o Carrasco fumava Free Ultra Light. Um cigarro que, de tão light, quase não fazia fumaça. Deixa eu explicar para quem nunca fumou cigarro. Mas antes... "O TIOZINHO DA SAÚDE KREMPEL ADVERTE: fumar é uma merda!" Voltando ao papo sobre cigarro... Tudo envolve a fumaça. No meu caso, que fumava "Mau Boro Vermelho" e era praticamente uma chaminé, um cigarro que não fazia fumaça

nenhuma chegava a dar desespero. E desespero não era o que eu precisava naquela hora.

As cortinas se abriram, nós entramos atacando de "Today Show" e fomos emendando uma música atrás da outra para não atrapalhar o evento. Até que alguém no canto do palco nos pergunta qual música dos Ramones nós iríamos tocar. Essa era uma das "exigências" do show, e nós não tínhamos ensaiado nenhuma.

Lembro-me de pensar que nosso som era influenciado por Ramones e, sendo assim, estaria tudo certo. Nossa homenagem era seguir tocando punk rock básico. Xaveco furado. Obviamente que eu me esqueci desse detalhe de ter que tocar uma música dos Ramones e, totalmente no improviso, emendamos "Blitzkrieg Bop" cantada em russo. Deu tudo certo e ainda ganhamos um troquinho para ajudar na van.

Nessa época, eu trabalhava em uma organizadora de eventos, tinha acabado de terminar um relacionamento (que eu ainda terminaria um milhão de vezes até acabar de vez) e comecei a andar direto com o Tick. Eu não estava mais estudando. Fui obrigado a largar as aulas por falta de verba, mas continuava a ir com ele para a faculdade. A gente encontrava com a galera do curso dele no bar e por lá ficávamos bebendo cerveja.

E então, eu fui demitido da empresa. Catei a grana da rescisão e todos os meus direitos e investi em cervejas e festas. O pai do Tick tinha arranjado um emprego em Catalão/Go, e ele ficava sozinho a semana inteira. Começamos a arrastar as festas para a casa dele. Virávamos a noite bebendo, conversando. E aí eu comecei a ficar por lá mesmo. O Tick saía para trabalhar e eu ficava dormindo.

Um dia, o Tick apareceu na hora do almoço. Eu estava acordando quando ele me chega com a notícia de que tinha pedido as contas do emprego e que, agora, teria mais tempo para fazer música (e encher a cara de leve). Acho que foi um dos dias mais felizes daquele ano. Ele encomendou uma mesa de sinuca e aí a diversão ficou sem limites. Nós dois havíamos decidido focar em fazer as coisas que mais gostávamos na vida, que eram: beber cerveja, jogar sinuca e fazer música (talvez não nessa ordem). E então, tivemos a ideia de fazer músicas em português para o Bombers.

O Estefan ficou sabendo que eu estava desempregado e que havia começado a compor em português e decidiu dar uma forcinha me convidando para trabalhar no seu estúdio. Segundo ele, dessa forma, eu teria tempo e estrutura para poder focar em compor músicas e fazer a banda crescer.

Convivíamos direto com os caras da Radiosonix, que iam muito ao estúdio estruturar músicas, fazer reuniões, ensaios... e acho que uma parte dele acreditava que isso faria a gente entender a seriedade com que uma banda deve ser levada. Ahan...

Até tentamos isso algumas vezes, mas a verdade mesmo foi que acabamos formando um núcleo que batizamos de "Clube da Noia". Era um grupo de pessoas composto por mim, Tick, o Amauri China e o baixista do Radiosonix, o Vavá. A gente se encontravam no estúdio para fumar cigarros e conversar. Escondíamos cigarros pelo estúdio inteiro, assim, caso acabasse e não tivesse aonde comprar, a gente dava uma busca pelo imóvel até encontrar algum. Tinha cigarro dentro de case, de buraco de prego, atrás de quadro, atrás do sofá, dentro do sofá (a gente colocava via um rasgo que tinha no estofado) e onde mais a nossa imaginação pudesse nos levar.

Entre uma tragada e outra, a gente compunha alguma coisa, mas o foco estava meio disperso mesmo. O Tick tinha pintado o cabelo de azul, a banda mal ensaiava e, mesmo assim ainda arranjávamos shows.

Era ano de Copa do Mundo na Coreia e no Japão. Jogos sempre de madrugada. E logo fomos nós com mais uma desculpa para beber, fumar e nos reunir. Nossa alimentação, nessa época, consistia em McDonald's.

Às terças e às quintas, tinha hambúrguer por R\$ 0,99, e enchíamos o rabo dessa merda. Nos outros dias, a gente comia na casa de alguém. Algumas vezes, eu ia ao shopping, passeava pela praça de alimentação, sentava em alguma mesa e comia o resto de comida das pessoas. Vocês não fazem ideia de quanta comida é desperdiçada nas praças de alimentação.

E então o Backyard Babies foi a Santos. Eu tinha certeza de que seríamos convidados para abrir esse show. Ninguém era mais fã de Backyard Babies naquela cidade do que eu. No entanto, as bandas de abertura foram o Forgotten Boys, o Blind Pigs e o Anti-Fashion, minha ex-banda que, àquela altura, mal existia. Por um lado, fiquei muito triste, por outro, estava feliz por rever meu amigo Wlad em uma situação tão especial. Para melhorar, o Wlad me convidou para cantar com o Anti-Fashion a música "Another State of Mind", do Social Distortion. Sendo assim, eu era parte da trupe.

Chegamos cedo e vimos a passagem de som do Backyard Babies. Eu estava em choque. A primeira coisa que me chamou a atenção foi ver como o Nick Borg e o Dregen eram baixinhos. A segunda, foi o próprio Dregen me pedir um cigarro. Nós conversamos um pouco, e eu juro que eu me controlei. Eles nos convidaram para ficar no camarim com eles.

Eu nunca tinha visto alguém cheirar tanto pó, com exceção do Tony Montana, no filme Scarface. E aqueles caras não só cheiravam para caralho, também secavam garrafas de Jack Daniel's como se fossem copos de leite. Nessa parte, eu aceitei o convite e mamei Jack and Coke na conta dos Backyard Babies.

Uma parte engraçada foi a reação deles quando os Blind Pigs chegaram. Eles viram aqueles caras chegando de cabelo moicano e nos perguntaram quem eram e o que eles estavam fazendo ali. Nós explicamos e eles não entenderam nada. Em determinado momento, um dos integrantes do Blind Pigs entrou lá e pediu um gole do Jack, e os caras negaram. Aí, quem não entendeu nada fui eu.

Então, quando subiram no palco, o Henrike, vocalista do Blind Pigs, lança que estava rolando o maior open bar lá dentro do camarim para os gringos, e para as bandas nacionais, nada. Bom, eu e o Wlad estávamos lá, aproveitamos bastante e representamos a seleção brasileira. Que noite! Não tive coragem de pedir autógrafos. Me contentei em curtir uma noite com meus ídolos como se eles fossem meus amigos.

Pouco tempo depois, eu conheci uma menina de São Paulo e nós meio que começamos a namorar. Eu subia pra São Paulo e ela também ia direto para Santos. Tudo muito legal e edificante, mas ainda faltava um detalhe. Precisava incluir meu amigo Tick nessa comigo. E assim, eu a convenci a apresentar uma amiga para ele. Nada demais, mas o suficiente para eu ter meu amigo por perto e a gente continuar nossas aventuras etílicas.

Fomos convidados para tocar em um show no Cachaça Brasil, uma casa de samba, com o Dead Fish e o Dance of Days. Sabíamos que seria um show com bastante gente, então o Tick e um vizinho dele, o Lucas Alemão, montaram uma geringonça com vários copinhos onde era depositado pólvora, e com alguns interruptores que, quando acionados pela eletricidade, geravam um minicurto e queimavam a pólvora, assim tínhamos explosões no palco. A cada explosão, as pessoas se assustavam e logo na sequência, agitavam cada vez mais, abrindo roda punk e subindo e pulando do palco. Além disso, desde 2001, o Tick já tinha bolado a réplica da bomba do nosso logotipo, feita de isopor e pintada de preto, recheada de pólvora e talco, com um pavio imenso que eu acendia no início dos shows. Nesse show não foi diferente. Diversão 10 X 0 Segurança. A gente, definitivamente, se achava o Kiss. Ou melhor... o Kiss do Ace Frehley e do Peter Criss.

Um dia, ficamos sabendo que o pai do Estefan tinha desativado o primeiro andar do prédio onde funcionava o Studio G. Conversamos com o Seu Genaro, o pai do Estefan, e organizamos um show. Chamamos o local de Porão do G e fizemos um show com o Underboyz, o Motherfuckers e o Sui Generis.

O Tick sabia mexer com o programa Autocad. Sendo assim, ele desenhou o projeto do palco, comprou as madeiras e lá fomos nós bater prego até de madrugada para montar o show. Meu pai apareceu algumas vezes por lá e verificou as obras, dando algumas sugestões meio questionáveis sobre iluminação e no final, acabou que ficou tudo meio escuro mesmo.

Nesse mesmo ano, dei uma entrevista para o Zona Punk e, nela, já demonstrava um certo descontentamento com a cena em geral:

"Uma grande merda, nada excitante acontece, nada me surpreende, nada de novo no front... Só algumas bandas que já se firmaram...No geral, a "cena" anda chata, chata e chata. Diria que 10% das bandas que aparecem hoje em dia valem a pena e me fazem sair de casa pra ir em shows. Isto é triste. Hoje todo mundo quer ser EMO e a maioria nem sabe o q é isto. Eu, por exemplo, não sei o que é EMO e não tô muito preocupado com isto. Boas bandas não precisam de rótulos. Alguém ainda quer saber o que vai embora?" (Zona Punk, 08 de Abril de 2002).

Como vocês podem ver, o EMO estava pegando e, cada vez mais, tocávamos com bandas que se autodenominavam desta maneira. Um belo dia, estamos no tocando no Praia Sport Bar, que na época, havia se tornado o principal local para shows na região com alguma dessas bandas EMO. Na presença de um público bem mesclado, eu digo: "muita gente diz que EMO é isso, que EMO é aquilo. Queria dizer para todos vocês que eu descobri o que significa EMO. EMO é a cabeça do meu pau, seus FILHA DA PUTA".

A troco de quê? Não faço ideia, só que a resposta de parte do público foi à altura, com uma parte da molecada tacando garrafas e latas na gente. Um pastelão.

Nesse mesmo ano, fizemos um show no SESC Santos. Única banda. Entrada gratuita. Lotamos o Bar do SESC que, naquele dia, assistiu a uma das nossas maiores performances. Todo mundo voando e a gente, para bagunçar a cabeça das pessoas, tocou "Somebody to Shove", do Soul Asylum. Foi lindo e foi todo filmado. Contudo, até hoje, ninguém sabe onde foi parar essa fita. O que é uma vergonha.

Outra vergonha foi o Brasil ter ganhado da Inglaterra e eu não ter visto nada porque dormi. Também, o que eu poderia esperar depois de ter ido jogar sinuca na zona da cidade, de beber bastante cerveja e de fumar maconha enrolada no papel de pão da padaria? Maconha esta que foi um presente da amiga Marina, que além de trabalhar como prostituta, passava o tempo bancando a conselheira amorosa da turma.

Nessa noite, passamos um tempo juntos e quando eu estava indo embora, ela me perguntou se eu fumava maconha e eu respondi que sim. E então ela me presenteou. Saí do quarto e encontrei com o Tick e contei o que tinha acontecido. Pegamos aquele tijolinho de maconha e fomos embora do Centro de Santos. Nenhum de nós era realmente um adepto da cannabis e trocaríamos facilmente aquele tijolinho por uma caixa de cerveja. Sendo assim, no caminho, eu tive a “brilhante” ideia de vender a maconha para poder comprar cerveja. Infelizmente, não encontramos ninguém interessado. Sendo assim... perdi o jogo da seleção.

2003: A democracia do Clube da Nóia.

Ouvindo: The Distillers, "Coral Fang"; "Rancid, "Indestructible"; Hardcore Superstar, "No Regrets"; Joe Strummer and The Mescaleros "Streetcore"; NOFX, "The War on

Errorism"; The Slackers, "Close My Eyes"; Manu Chao, "Radio Bemba Sound System"; The Strokes "Room on Fire"; OutKast "Speakerboxxx/The Love Below"; The Darkness, "Permission to Land"; Jet "Get Born"

E então, finalmente, começamos a trabalhar em algumas faixas para o disco novo. O disco em português. A gente vivia no estúdio, dividindo o tempo entre ensaios, o "Clube da Nóia" e um projeto muito doido que seria o de criar uma casa de shows.

No ano anterior, tínhamos feito um show no primeiro andar do prédio onde ficava o Studio G, como você já sabe. O pai do Estefan adorou a ideia e colocou em prática a criação de um bar. Só que era um bar "sério", para pessoas mais velhas, e nós não nos enquadrávamos muito no formato. Por outro lado, o andar térreo tinha ficado vago, e lá fomos nós. Conversamos com o Estefan, que falou para falarmos com o Seu Genaro.

A ideia era ver se ele topava liberar o lugar para shows de bandas independentes. Ele não se opôs, e nós seguimos em frente. Eu e o Tick tínhamos a ideia de fazer uma casa de shows inspirada em um clipe do Aerosmith. No vídeo de "What It Takes", os caras aparecem tocando em um palco cercado por uma grade. A gente imaginou que seria lindo um palco cercado por grades do chão ao teto. Começamos a imaginar a galera ensandecida jogando latinha na grade, escalando-a e tudo o mais. Era isso.

Mais uma vez, o Tick trabalhou no Autocad e elaborou o projeto. Se no espaço anterior, o palco era quase na altura do chão e o pé direito devia ter uns 3 metros, nesse, o pé direito devia ter uns 6 metros, e então, decidimos fazer um palco gigantesco. Fizemos o orçamento de vigas de madeira, de compensado à prova de pulos e, o mais insano de tudo, de uns 10 metros de grade para fixar no chão e ir até o teto, por toda a extensão do palco, que devia ter mais uns 6 metros. Megalomania ao extremo.

Compramos todo o material e fomos em frente com o projeto. Toda a turma de amigos se envolveu. Dividíamos as funções e fizemos tudo sozinhos. Um grande mutirão. Limpamos o galpão, batemos pregos por noites intermináveis, colocamos a grade, matamos um rato e até demos umas baforadas na lata de cola para disfarçar a fome. A confusão era tão grande que, uma vez, enganei-me (ou fui enganado) e passei horas baforando um saco de merda de cachorro. Nada de mais. Afinal, quem nunca?

Para o arremate, minha mãe costurou uma cortina preta que usamos para fazer o fundo do palco.

Quando estávamos finalizando a montagem, notamos que havíamos errado na conta e ainda faltavam algumas vigas de madeira para sustentação. O Estefan pegou um carro, o Tick pegou outro e nós saímos na madrugada, roubando vigas de madeira pelas obras da cidade.

Pegamos umas quatro vigas, se não me engano. E aí descobrimos que ainda faltava uma. Nosso orçamento já tinha estourado e, então, o Estefan, que participou de todo o processo, decide sair para resolver isso. Em 5 minutos ele reaparece carregando um ponto de ônibus, desses de madeira, que é fincado no chão, todo pintado com as cores da Prefeitura Municipal de Santos. Não sei como ele conseguiu fazer isso, mas nós, finalmente, fechamos o palco.

O sistema de som foi uma colaboração de um amigo, o Lucas Alemão, que tinha uma empresa de iluminação e sonorização de festas. Ele colocou dois subwoofers de baixo do palco, dois PA no palco, e instalou uma mesa de som exatamente ao lado do espaço destinado ao bar. Ninguém sabia mexer direito naquilo, mas fomos em frente. O Estefan ainda nos emprestou uma coisa ou outra do estúdio e é isso. Estava pronto o Cadeião Rock House. Montamos um site e começamos a marcar os shows.

Inauguramos com um show ao lado do Juventude Maldita e do White Frogs. Enquanto tocávamos, as pessoas escalavam as grades e se jogavam em moshes insanos. Nós não deixávamos por menos e nos atirávamos na grade, que nos rebatia de volta para trás. Isso funcionou o show inteiro para mim e para o Tick. Infelizmente, o Denys não teve a mesma sorte e, ao se atirar em direção à grade, com o seu peso e força, ele conseguiu abrir um espaço entre o palco e a grade e caiu nesse fosso. Nós começamos a rir durante a música, mas ele não deixou por menos e seguiu tocando.

Durante o seu curto tempo de vida, recebemos diversas bandas da região, além de outras de fora como, Mukeka di Rato, I Shot Cyrus e, inclusive, uma banda internacional, os holandeses do Vitamin X. Um dia, recebemos um e-mail do Gabriel Thomaz querendo tocar com o Autoramas, mas não conseguimos fazer acontecer, o que foi uma pena, assim como com uma banda do Rio Grande do Sul, que nos mandou um mp3 para conhecermos o seu som. Lembro-me do Tick me chamar para ouvir, cascando o bico e me pedindo uma opinião.

Os caras enviaram uma música, que era um "hardcorezinho" bem safado, com uma letra tenebrosa. "Porque seu namorado é um idiota, la la la la.". A gente riu para caralho e, obviamente, não embarcamos nessa, apesar dos caras parecerem ser gente boníssima. Anos depois, os caras se tornaram uma das maiores bandas do rock brasileiro. Sim... é o Fresno. E sim, nós éramos cuzões demais, mesmo para os permissíveis padrões da época.

O Cadeião Rock House não durou muito tempo por diversos motivos. Não tínhamos alvará de funcionamento nem CNPJ, muito menos visão comercial e é claro, responsabilidade. Para você ter uma ideia, no nosso bar improvisado, a gente distribuía cerveja para os amigos e só cobrava dos desconhecidos, além de bebermos nosso próprio estoque. Foi bom enquanto durou, e nós provamos para nós mesmos que éramos capazes de criar nosso próprio espaço sem depender de ninguém.

Algum tempo depois do fechamento do Cadeião, lançamos um vídeo com o áudio captado da mesa de som para a faixa "Sempre Assim", gravado naquele show que eu já contei, com Dead Fish e Dance of Days. Nessa época, nossos fãs skinheads começaram a parar de ir aos shows. Os motivos? Nossos shows começaram a ser ponto de encontro para brigas de meia dúzia de garotos punks com outra metade de skinheads. Então os filhos da puta iam na porta, brigavam e não entravam. Além disso, o fato de começarmos a cantar músicas em português foi visto como uma tentativa de soar pop e se vender. Uma besteira que me deixava irritadíssimo. Quer dizer, que toda a baboseira que eu cantava em inglês era foda, agora cantar sobre os mesmos assuntos com letras em português era mal visto?

Naquele som, que era cantado por todos nos shows, sempre acompanhados de "oi!, oi!, oi!", eu cantava que, apesar dos pesares, "eu continuava a sorrir para os meus amigos". E me incomodava muito ver que ninguém estava entendendo o que eu estava pensando. Ninguém se identificava com aquilo. Eu tinha passado por alguns bocados e queria me fazer entender. Tive que ter muita coragem para me abrir e começar a passar meus pensamentos para o português. Por isso, fiquei tão chateado quando descobri que pouco importava sobre o que eu estava cantando. O que importa é que eu traduzi a mensagem, e isso fez tudo perder a graça para aqueles que nos viam como uma banda punk engajada.

Por um lado, tínhamos os punks, que devem ter ficado decepcionados pelo fato de não termos letras de protesto ou contra o sistema e por outro, tinham os skinheads, que saíam de casa, no anseio de ver uma banda emular a cultura britânica "tintim por tintim", chegavam lá e viam uma banda que estava mais para um Capital Inicial dos pobres do que para o Sham 69. Me lembro de, uma vez, ver essa turma toda reunida em uma esquina, com um cara vestindo um kilt xadrez tocando gaita de fole, entoando hinos da música Oi!. Ali, entendi que eu mesmo não me identificava mais com aquilo.

Nada que envolva regras ou códigos me prende. Códigos de conduta, códigos de vestimenta e toda essa coisa nunca funcionaram para mim. A liberdade sempre foi a coisa que eu mais busquei e valorizei a vida inteira. Ao aderir a uma cultura

urbana específica, era óbvio que eu me veria "impedido" de ser o que eu quisesse, da forma que eu quisesse. Passei uns 15 anos usando uniforme no colégio e, depois, mais uniformes em empregos. Sendo assim, essa ideia de ser mais um da alcateia me afugentava que nem o alho afugenta o Conde Drácula. Nada contra, só não é para mim.

Por outro lado, começamos a sair um pouco mais da região, respirar novos ares e ter contato com pessoas com uma visão menos contaminada sobre nós. Nessa mesma fase, eu comecei a me dedicar mais a tentar adaptar meu jeito de cantar para o português. Nisso, o Amauri Meireles "China", que tocava guitarra no Sui Generis nessa época, começou a nos acompanhar nos ensaios. Ele estava sempre lá. Participava do Clube da Nôia. Ensaiávamos as duas bandas no mesmo dia. Ele sempre chegava mais cedo e nos visitava. Eu pedia para ele pegar a guitarra e acompanhar a banda para eu focar no vocal.

Apareceu um show para fazermos e eu não sabia mais tocar nossas próprias músicas. Nada mais justo do que pedir para o China nos acompanhar no show. Ele topou e assim foi. Quando vimos, ele já era um integrante da banda. Sobrou-me apenas o vocal. Assumo que era bem estranho subir no palco sem a guitarra e eu não sabia como agir, mas não conseguia imaginar mais a banda sem o China.

Um dos shows mais legais e marcantes dessa formação foi no lendário Black Jack Rock Bar, em São Paulo, com o Flicts, o Juventude Maldita e o White Frogs. Mais uma vez, alugamos uma van, chamamos os amigos e subimos a serra. O show foi bom, sem nenhum episódio especial e tudo ia muito bem. Nesse dia, eu e o Tick "arrebentamos" a comanda da banda tomando cerveja. Quando terminou o show, fomos fazer o fechamento e, para a nossa surpresa, não recebemos nada, pois todo o dinheiro que ganharíamos foi usado para quitar as brejas. Entramos na van e já começaram as discussões. Cerca de uma hora e meia depois, chegamos em Santos sem baixista. O Denys, depois de 8 anos com a banda, decidiu abandonar o barco. Ele tinha um filho pequeno para cuidar. Já era um homem feito, e nós ainda éramos uns moleques. Nada mais justo. Mas foi um golpe pesado de assimilar. O cara que tinha me ensinado a tocar, que resolveu todas as pendências da banda, finalmente, tinha se cansado de mim.

O Denys, carinhosamente chamado por nós de "Peão" ou "Py", tinha uma postura de enfrentamento nos shows. Era o cara que ia para cima em todas as situações e que se por um lado, não tinha uma técnica apurada, por outro, era praticamente o coração da banda. A saída dele foi uma perda enorme, mas que apenas hoje, olhando para trás, sou capaz de mensurar. Pouco tempo depois, o Graveto aproveitou, pegou carona e pulou fora por não aguentar mais tanta furada.

O Graveto levava muito a sério a vida de músico, tinha um sonho e um objetivo. Já nós, tínhamos apenas um sonho e não fazíamos muita coisa por isso. Da minha parte, lá no fundo, eu estava deslumbrado e jogava tudo para o acaso.

No final dessa fase, os shows eram marcados pela presença performática e precisa do Graveto, que se destacava mais do que a própria banda. Eu e o Tick sabíamos que tinha algo errado com isso. E isso começou a nos incomodar. De uma hora para outra, nossas performances e músicas não chamavam mais atenção do que os malabarismos do nosso baterista, que parecia uma versão jovem do Tommy Lee, do Mötley Crüe. Justiça seja feita: o que o Graveto evoluiu em dois anos foi assustador e, não à toa, ele acabaria, anos depois, se tornando baterista da mais bem sucedida banda de rock santista, o Charlie Brown Jr.

Por falar em Charlie Brown Jr., um mês depois, aconteceu uma coisa muito inusitada. Eu estava no Praia Sport Bar, conversando com o Celso Bernardes, vocalista da banda Dip Lik e o Ratinho, o dono do bar, enquanto umas bandas tocavam no palco. De repente, começa uma pequena confusão na porta. O Celso foi ver o que era e voltou em choque: "cara! Era o Chorão. Ele passou na frente do bar e disse que ia em casa pegar o skate e já volta aqui para curtir com a galera". Não botamos muita fé. O Chorão não era o tipo de pessoa que, naquela época, andava por aí sem ser incomodado. Ele já era uma estrela do rock nacional, e aquilo parecia uma história muito absurda.

Uns 40 minutos depois, ele apareceu de volta. Pagou a entrada e, com o skate debaixo do braço foi para o meio da roda punk. Eu, Celso e Ratinho ficamos de cara com aquela cena. Ninguém entendeu nada. Era um show de bandas da região sem nada de especial. De repente, aquela coisa começou a pegar fogo. E nós, incrédulos, assistindo àquilo tudo do balcão do bar.

Na sequência, ele veio até o balcão, pediu uma cerveja, brindou comigo e lançou: "e aí cara? E a banda como vai?" Respondi que estava tudo bem e perguntei da dele, na maior naturalidade. E então ele começou a me contar que na semana anterior, havia gravado um acústico para a MTV, com participação do Marcelo D2, e que tinham feito um cover de Chico Science e Nação Zumbi, que tinha sido demais e que não via a hora de soltar o material. Eu disse que achava isso tudo muito foda, parabeneizei e disse que iria esperar para conferir o material. Ele terminou a cerveja, despediu-se e voltou a andar de skate na frente do palco, enquanto a banda, incrédula, tocava sem entender nada. Uma meia hora depois, foi embora e até hoje, ninguém entendeu nada.

Voltando ao Bombers, nós precisávamos de um baixista e um baterista. Eu convidei um grande amigo nosso, o Gustavo Trivela. Ele era guitarrista do Sui Generis

naquela época, e nós vivíamos na casa dele fazendo churrasco e bagunça. Inclusive, eu e ele já tínhamos gravamos umas quatro músicas em formato acústico, que chamamos de "Krempel e Do Vale". Eu era doido para fazer um som com aquele moleque. Fiz questão de convidar, mas ele ficou meio relutante. Afinal não era propriamente um baixista, mas disse que iria pensar. Fiquei infernizando até que consegui convencê-lo de que daria tudo certo.

Agora, faltava um baterista, e nós já tínhamos alguns nomes na cabeça. Contudo, antes disso, eu precisava resolver minha vida. Viver como se não houvesse amanhã não estava mais funcionando para mim. E, fui atrás de um emprego.

Consegui uma vaga como operador de caixa em uma tradicional rede farmácias da Baixada Santista. Eu trabalhava das 16hs às 00hs. A minha filial ficava ao lado de um dos bares mais agitados da cidade: O Bar do Toninho, o Rei do Bacalhau. A partir daquele momento, eu tinha uma segunda casa. Era lindo chegar no Toninho e ser chamado pelo nome por todos os funcionários. O Seu Toninho sempre me liberava uma saideira, cortesia da casa. Até hoje, quando passo por lá, sou reconhecido por alguns dos mais dedicados funcionários do bar.

2004: Discotecas. Enforquem o Dj!

Ouvindo: Green Day, "American Idiot"; The Killers, "Hot Fuss"; Beastie Boys, "To the 5 Boroughs"; Various Artists, "Give 'Em' the Boot IV"; The Libertines, "S/T"; Kasabian, "S/T"; Velvet Revolver, "Contraband"; Capital Inicial, "Rosas e Vinho Tinto"

Ano novo, vida nova. Todos empregados. Um novo dia, uma nova formação para a banda, e o que faremos? CHURRASCOS! Na verdade, estávamos um pouco parados, compondo e tentando achar um baterista para a banda. Voltei ao mundo universitário. Dessa vez, o curso escolhido foi... Naturologia. Sim! Eu tentei Farmácia, mas o curso não teve alunos o suficiente, assim sendo, descobri a Naturologia.

Aprendia técnicas de Reiki, Cromoterapia, Massagem Ayurvédica e entendia cada vez mais sobre as doenças psicossomáticas. Nas aulas de Yoga, eu era dispensado. Ah... eu não comentei, né?! Eu praticava Yoga há algum tempo, em paralelo a toda aquela vida maluca. Sendo assim, eu estava liberado para ir ao "bar da faculdade".

Minha vida estava dividida mais ou menos assim: de manhã, eu trampava na farmácia; à tarde, saía do trampo, fazia aplicação de injetáveis em alguns clientes da região e ia direto para a faculdade; da faculdade, caía na noite. Aos finais de semana, eu pegava o turno da noite na farmácia, o que me dava mais tempo livre.

Comecei a ser convidado para discotecar em algumas festas e, em especial, na Popsceen, festa da Flávia Durante e do Hector Lima. Eu ia em todas as edições. Comecei a curtir essa coisa de discotecar uns rock 'n rolls em baladas e de dançar como se não houvesse amanhã.

Nessa época, o Tick meio que tinha convencido o Graveto a voltar para a banda. Estava tudo certo para isso, até eu me envolver com uma ex-namorada de um amigo da turma. Eles viviam aqueles namoros ioiô e, numa dessas, idas e vindas, eu me enganchei. Aí recebi a notícia de que "o Graveto não iria mais tocar com a gente" porque eu não era uma pessoa de confiança.

Uma galera começou a virar a cara para mim. A banda esfriou de novo, mais ainda, e eu meio que me afastei de tudo isso. Estava cansado de ter que sempre provar alguma coisa para alguém. Foquei no meu curso, no meu trampo, nas minhas bebedeiras no Bar do Toninho e nas churrascadas na casa do Trivela. Ah, é claro! Nesse ínterim, eu compunha alguma coisa com a banda que não tinha baterista.

Uma vez, eu e o Trivela saímos com uns amigos que depois resolveram entrar em uma balada. Nós dois não estávamos muito a fim e ficamos no estacionamento. Começamos a conversar e ter ideias para um som. A coisa foi evoluindo muito e como tínhamos um violão com três cordas no carro, começamos a criar uma música. Logo, já veio a ideia para uma letra. Cada um falando sobre um assunto. O que ele falava fazia muito sentido e o que eu pensava caía como uma luva na ideia dele. Precisávamos anotar aquilo.

Não tínhamos telefones como os de hoje para gravar o áudio e nem bloco de notas. Achamos um pedaço de lápis no chão e uma caixa de pizza no lixo. Raspamos o lápis até aparecer uma ponta e escrevemos nossa primeira música juntos: "Jogadas ao Vento". Quando os amigos voltaram, meio que zoando da nossa cara, nem nos importamos. Ali, nascia, definitivamente, uma nova parceria.

Isso me deu um pouco mais de gás e logo apareceu o Douglas, que tocava no D-Cups e no Fullheart. O Douglas era um moleque que vinha de uma turma paralela à nossa e trazia uma leveza para as nossas relações tão desgastadas. Nós o chamávamos de “Douglas Lixeiro”. Não me lembro o porquê, mas foi uma fase boa e rápida. Fizemos uns bons shows e ele precisou sair. Mais um baque.

Já havíamos feito uma foto da nova formação, estávamos dando sequência nas composições e iniciando um novo ciclo quando nos vimos às pressas para encontrar um substituto. Encontramos essa ajuda no Eduardo Falcão, que tocava no Drop Your Guns e no Sonar. Ele segurou alguns shows com a gente. Começamos a andar muito juntos, mas a coisa continuava meio estranha.

Acho que eu estava me desinteressando um pouco pela música diante de tanta dificuldade. Aí todo mundo se enrolou com um monte de coisa. De repente, o Tick e o Trivela estavam tramando como roadies para o Radiosonix, a banda do Estefan, na Mythos. A Mythos era uma daquelas baladas onde roqueiros não iam muito. Rolava muito aqueles hip hops do 50 Cent, e por aí vai.

A banda do Estefan levava um pop rock e eram os donos da noite. Nós os acompanhávamos direto. Eles sempre descolavam algum VIP, e eu me jogava para dentro desse mundo. No camarim, a banda tinha uma geladeira com bastante vodca, às vezes whisky, e muita cerveja. Como eles eram uma banda séria, mal encostavam naquele veneno. Já eu, Trivela e Tick compensávamos por eles. Eram verdadeiras noites infundáveis para os meninos do Bombers.

E assim, foi mais um ano da nossa vida. Era muito claro que o foco, se é que algum dia isso existiu, estava totalmente perdido. Nada de excitante acontecia, tirando um show aqui e outro ali. As coisas estavam cada vez mais paradas.

Um dia, dei uma entrevista para um fanzine e falei mal de uma porrada de banda, de um monte de gente do "rolê" e de tudo que envolvia o cenário independente. Lembro me, até hoje, do Falcão me chamar para conversar. Ele me disse que "era melhor eu pegar leve nas polêmicas" porque as pessoas já estavam começando a dizer que eu era "um músico frustrado" e por isso, saía falando mal de todo mundo por aí.

Aquilo foi um tapa na cara, que ao invés de interpretar como um chamado de alerta, encarei como uma agressão. Fiquei puto. Não com o mensageiro, mas sim com a mensagem. Como assim? Quer dizer que eu era um músico frustrado de 25 anos? Eu achava que era o “Liam Gallagher da Baixada Santista”.

E o barco seguiu afundando.

À propósito, o Amauri China se adaptou muito bem à banda. Bebia que nem um condenado e apelidava os nossos cinzeiros, sempre fofinhos e cheios, de

almofadinhas, tamanha a quantidade de bituca de cigarro que a gente colecionava lá.

Criamos uma conta no Fotolog e ficávamos postando um monte de fotos da banda. Tocando? Não! Bebendo e curtindo a vida adoidado.

2005: A volta dos que não foram.

Ouvindo: Ouvindo: Oasis, "Don't Believe the Truth"; M.I.A., "Arular"; The Rolling Stones, "A Bigger Bang"; CSS, "Cansei de Ser Sexy"; Social Distortion, "Sex, Love and Rock 'n Roll"; Jesse Malin, "The Fine Art of Self Destruction"; Transplants, "Haunted Cities"

E quando tudo dava a entender que o Bombers se tornaria uma grande agremiação de amigos, e nada além disso... Desfibriladores a postos: hora de tirar o morto da UTI. Estefan decide voltar para a banda.

Eu e o Tick sempre conversamos a respeito do Estefan ter sido o nosso baterista favorito do Bombers. E, então, ele reaparece pleiteando seu posto. Aquilo nos motivou de uma forma como, há tempos, não acontecia. A ideia era ele voltar, gravarmos as músicas em português e sair tocando. Começamos a gravação do que

decidimos chamar de "Democracia Chinesa", o primeiro registro do Bombers planejado como um álbum completo e só com músicas em português. A famosa "volta dos que não foram". Usando como referência o título do prometido, há anos, álbum do Guns N' Roses, que se chamaria "Chinese Democracy", pegamos emprestado a idéia e a utilizamos como piada.

O meu emprego na farmácia e a faculdade de Naturologia seguiam me entretendo e me dando um ar mais confiável. Acho que o Estefan, finalmente, sentiu que poderia acreditar naquela banda. Além da minha versão universitária e trabalhadora, a banda ainda tinha o Trivela e o Tick, que sempre se mostraram mais confiáveis, e como trabalharam juntos como roadies da Radiosonix, só faltava eu mostrar um pouco de credibilidade, e foi isso que aconteceu.

Começamos a ensaiar e, no primeiro encontro, sentimos que a coisa ia rolar da melhor maneira. Nessa época, eu estava finalmente encerrando um relacionamento esquisito e cheio de idas e vindas (o que me proporcionou alguns breves relacionamentos nesses intervalos). Infelizmente, essas discussões sem fim começaram junto do processo de criação do disco e eu chegava sempre atrasado a todas as sessões de gravação. Os caras marcavam às 22hs e eu chegava às 23h30. Uma vez, marcaram às 22hs comigo e, à meia-noite entre eles. Sendo assim, eu cheguei no horário. Em uma outra ocasião, marcaram às 23hs e eu cheguei no horário. No entanto, não tinha ninguém no estúdio. Era uma pegadinha para eu "aprender a deixar de ser otário".

Olhando para trás, eu fico muito puto em ter chateado meus amigos, por ter ficado horas escutando coisas do tipo: "você precisa focar na sua vida profissional", "banda é perda de tempo", "minha mãe não quer que eu case com você por causa dessa coisa de banda".

Não estou jogando a culpa em ninguém. Aliás eu acredito que a culpa nasce e morre em quem a sente. E a partir do momento que a gente detecta a culpa se manifestando, temos duas opções de usá-la. Para se castigar (remoendo a situação repetidamente) ou para buscar a própria redenção. Como? Reformulando-se. E foi mais ou menos isso que eu quis fazer. Infelizmente, a bagunça já estava me pegando bem mais do que eu gostaria de admitir.

Comecei a trabalhar como dj em um espaço para bandas no Clube Vasco da Gama, que chamavam de "Caverna do Rock". Era um projeto de um cara chamado Marcelo Maverick, e eu fui convidado para discotecar toda sexta-feira. Eu tocava músicas de acordo com o gênero da noite. Fosse isso Metal, Hardcore, Trash ou até mesmo o Kiss Cover. Era divertido demais. Cada noite, era um gênero diferente e,

virava e mexia, eu indicava alguma banda para formar o lineup dos shows. Era um desafio sensacional.

Eles me avisavam que tal dia iria rolar uma banda “X”, de metal extremo. Eu corria na internet, pesquisava qual era o estilo da banda, quais as influências e baixava mp3 de músicas relacionadas. Gravava dois CD com as mesmas músicas e ia intercalando no aparelho de DJ. Faixa 1 do CD da esquerda, significava que soltaria a faixa 2 do CD da direita na sequência, e assim ia a noite inteira. E quando vinham pedir música? Bom... aí era só dizer que eu não atendia pedidos, e seguia em frente. Ahahahahahahaha!

Nesse ano, seguimos gravando e ajustando a banda para a hora certa. Infelizmente, o Tick começou a se desinteressar pelos rumos musicais da banda. Não sei como ou o porquê, mas o Tick descobriu que tinha outras prioridades na vida, e aquela coisa de “brincar de Rolling Stones” não fazia mais parte dos seus planos. E então, durante o processo de gravação do “Democracia Chinesa”, o Tick resolve sair da banda. Aliás, eu quis chamar o disco de Democracia Chinesa em alusão ao disco do Guns, porque, naquela época, “Chinese Democracy” era praticamente um sinônimo de disco que nunca seria lançado. Poderia ter chamado o disco de “lenda urbana”, que daria o mesmo sentido. Por mais feliz que eu estivesse com o China, o Trivela e o Estefan na banda, a saída do Tick me deixou bastante balançado. Ele era meu parceiro de crimes. Compartilhávamos ideias malucas e um “lifestyle” inapropriado que foi crescendo mais e mais a cada ano.

Dia desses, eu liguei para ele para perguntar o motivo real de ter saído da banda, e ele meio que confirmou tudo isso, mas disse que seria legal dizer que ele saiu por estar viciado em heroína. Ahahahahahahaha!

Por mais falta que o Tick fizesse, a banda não era só minha. Nunca foi. Tinha o China, que cada vez mais se tornava o marrento que eu queria ver em um banda de rock, tocando com a confiança de um veterano, tinha o Trivela, o baixista “mais guitarrista do momento”, um cara de quem eu já era fã e que cada vez mais, arrastava-me para o seu universo doido e tinha o Estefan, o meu “baterista dos sonhos”, com toda a credibilidade que ele trazia por ter ajudado a criar a nossa identidade musical. E logo nos fechamos em um grupo que se enxergava como time de futebol. Nós nos respeitávamos e nos admirávamos muito. A idéia era clara. Era tudo ou nada. “Vamos para cima e vamos fazer acontecer.”

2006: Pessoas como, Pessoas como, Pessoas como nós.

Ouvindo: Backyard Babies, "People Like People Like People Like Us"; The Wildhearts, "Coupled With"; Arctic Monkeys, "Whatever People Say I Am, That's What I'm Not"; Lily Allen, "Alright Still"; Amy Winehouse, "Back to Black"; Carbona, "Apuros em Cingapura"; Firststations, "Punk Rock Station"; Luxúria, "Luxúria"; The Replacements, "Don't You Know Who I Think I Was?"

O ano já começou com o convite para tocarmos com o Satanic Surfers, uma influente banda sueca de punk melódico, na Caverna do Rock, em março. Ensaaios a mil, e eu me readaptando à guitarra e reaprendendo as músicas. Acabou a vagabundagem. Tínhamos uma missão - e fomos pra cima. Será que em 2006, aquela banda meio que já chamada de veterana, teria condições de conquistar algum espaço?

Fizemos o show na Caverna do Rock, e a resenha do Ewerton Rodrigo para o Zona Punk ajuda a contar um pouco:

"A grande (e grata) surpresa da noite ficou por conta do The Bombers, de Santos. Essa sim uma escolha em cheio para abrir esse Show. Um punk rock com fortes influências de Rock and Roll e Rancid (banda da qual eles mandaram um cover numa

versão meio medley de "Time Bomb"). Uma banda original, empolgante, com uma presença de palco muito boa. Punk 77 pra dar a primeira animada na Caverna do Rock. Coisa que as outras bandas até então não tinham conseguido. Ponto pro The Bombers."

Já estávamos acostumados a isso em outros tempos, mas naquele dia, isso teve um valor diferente. Era o primeiro show com aquela formação (eu, na guitarra e voz, Gustavo Trivela, no baixo, Amauri China, no baixo e Estefan, na bateria) e a primeira vez, em 11 anos de existência, que o Bombers era incluído como parte do lineup do show de uma banda gringa. Abraçamos a causa e não deixamos por menos.

Eu já estava de saco cheio da farmácia quando fiquei sabendo que a empresa corria sério risco de fechar. A situação estava insustentável. Eu queria mais da minha vida e aquela rotina de farmácia não dava mais. Então comecei a meter uns atestados.

Uma vez, foi uma conjuntivite à base de sabonete nos olhos. Fui ao pronto-socorro e o médico resolveu me examinar em um retinógrafo. Gelei. Mas, para a minha sorte, ele atestou que era uma conjuntivite viral. Não muito tempo depois, fingi uma infecção por rotavírus. Se você já teve isso, sabe do que estou falando.

Cheguei no hospital e disse que estava me sentindo febril, com diarreia e vômitos. O doutor não pensou duas vezes e diagnosticou rotavírus, apesar de não constatar febre alguma. Começou a fazer a receita, e eu já esfregava as minhas mãos, quando ele me disse: "Pronto! Pode ir na sala de aplicação e apresentar a receita. Você vai tomar Dramin com Dipirona. Intravenosa." O problema é que eu me cago de medo de injeção na veia. Para piorar, eu não tinha porra nenhuma. Implorei para o doutor me receitar os remédios, mas ele disse que os sintomas eram graves e que eu precisava tomar na veia para ficar bom logo. Pedi um atestado, mas ele falou que só me daria após eu estar medicado. Respirei fundo e fui para a sala de aplicação. A enfermeira parecia a Aretha Franklin, era super carinhosa e tentou me acalmar. Com todo o jeito do mundo, ela aplicou a solução na minha veia. Comecei a suar frio. Avisei-a: "moça... meu braço está ficando pesado e quente". Ela me pediu para ficar calmo que já estava acabando... então tudo ficou preto. Apaguei. Fiquei uma hora em observação e sai de lá todo fodido, sentindo-me terrivelmente exausto. Foi o atestado médico mais caro do mundo.

Era óbvio que não dava mais. Negocieei uma demissão, recebi minha grana e me mandei para São Paulo. Eu estava namorando uma menina que morava lá e acabei pedindo abrigo para ela.

Comecei a passar mais tempo em rolês pela Rua Augusta durante a semana e, aos finais de semana, eu ia para Santos anarquizar nos bares. Nessa época, a Rua Augusta poderia ser considerada a "Sunset Strip brasileira". Toda a fauna roqueira,

clubber, alternativa se encontrava lá. Dos punks aos roqueiros hard rock, tinha para todo mundo. Prostituição, casas de shows de médio porte, bares, baladas, drogas e tudo o que a sua imaginação pudesse permitir.

Uma das noites mais emblemáticas dessa época, foi uma vez quando saímos de um show, eu e o China, e pegamos uma carona com a minha namorada que assim como nós, tinha bebido um pouco além da conta. O problema é que ela estava dirigindo e nós, não. Em determinado momento, ela passou em um cruzamento. "Sinal amarelo, acelera que dá." E um outro carro, que vinha da outra direção, pensou da mesma maneira. Só senti aquela porrada e o carro rodando. Fim de festa. Todo mundo para a DP. As festas estavam ficando cada vez mais hardcore.

E vieram mais shows. Shows fora da Baixada Santista. Nossa primeira vez em Curitiba e, para melhorar, com o lendário Pelebrói Não Sei?, uma das mais emblemáticas e importante bandas de punk rock da região sul do Brasil e o Firststations (que estavam divulgando o seu primeiro disco, o "Punk Rock Station", lançado pelo ZPCDS do Zona Punk). Aliás, é preciso mencionar que os caras eram verdadeiros guerreiros do punk rock brasiliense e que cruzavam o mapa dentro de um carro apertado para fazer bate volta em qualquer cidade do país e não perdiam uma oportunidade sequer de show.

Os Firststations se tornaram nossos melhores amigos naquela época. Nós nos conhecemos em Curitiba, uma noite antes desse show. O Wlad tinha contado uma porrada de histórias escabrosas sobre nós, e os caras estavam meio preocupados em conhecer a gente. E nós justificamos a fama. Bebemos bastante no andar de baixo do James, um dos primeiros bares de Curitiba a abrir espaço em suas noites para bandas de rock, e contamos todos esses "causos" horríveis. Depois, fomos todos para a pista de dança. Todo mundo dançando e, naquele tempo, era permitido fumar em lugares fechados. Então eu estava lá, fumando meu cigarro e dançando quando uma garota esbarrou em mim e na minha namorada. Do nada, já começou a reclamação do cigarro e todo aquele lance pré-barraco. Taquei meu cigarro no namorado da menina e logo instauramos um quebra-quebra dentro do bar. Fomos expulsos do pico. Acredito que, dessa forma, estávamos devidamente apresentados para nossos amigos brasilienses. Esse foi apenas o primeiro de uma longa lista de "causos" que escreveríamos ao lado dos Firststations. Afinal, eles eram farinha do mesmo saco que nós e também aprontavam bastante.

E então vieram bastante shows no interior de São Paulo. Foi em uma dessas andanças que conheci o Ricardo "Kako" Drago e o seu Kingston, importante casa de show underground de Limeira. Fizemos um show lá, que foi quando tocamos pela primeira vez com o Boobarellas e reencontramos os nossos irmãos do Firststations (ou

como eu curtia chamá-los: “Estação Primeira”). Nesse show, lá para o final, eu e o Trivela resolvemos abaixar as calças e tocar sacolejando nossas partes íntimas. Meio desnecessário, só para não dizer totalmente, mas inteiramente engraçado para nós.

Em agosto, voltamos a São Paulo para um show com a nova banda do Leandro, os Eviltruckers, no Outs, outra emblemática casa de shows localizada na famigerada Rua Augusta. Nesse show, eu levei uma caixa de anfetaminas e as distribuí entre os amigos a noite inteira. Era simples: um comprimido e uma dose de vodca. Depois, emendava as brejas e, quando sentisse que estava caindo, era só me chamar, que eu tinha o "extra life" no bolso. Isso tudo nos fez terminar a noite, fazendo cooper às 9hs da manhã, no Parque Ibirapuera.

Os shows não pararam e eram cada vez melhores. As músicas, finalmente, encaixaram e estavam repercutindo bem - fora da cansada e careta cidade de Santos.

Em setembro, o U.S. Bombs veio ao Brasil participar da Vans Zona Punk Tour daquele ano, e o Wlad nos convidou para tocar no show de São Bernardo do Campo, no Volkana.

A Vans Zona Punk Tour era a realização de um sonho antigo do Wlad. Com o apoio da marca Vans, o Zona Punk (seu site), juntava bandas dentro de um ônibus e rodava o Brasil levando sempre o mesmo lineup, nos moldes da Vans Warped Tour, que acontecia nos EUA, mas com um charmoso jeitão de "Another State of Mind" (lembra-se daquele documentário que eu mencionei que assistíamos direto?).

Estávamos super apreensivos e ansiosos pelo show. Eu havia assistido a uma apresentação do U.S. Bombs dias antes, no CB Bar, em São Paulo, e já sabia do que o Duane Peters e sua trupe eram capazes. Além disso, teríamos Blind Pigs, Shilleper High, Nitrominds, FISTT, Noção De Nada e umas "bandas de abertura" (termo que eu detesto). Chegamos no local e as bandas estavam arregaçando com muito hardcore, e rodas-punk se espalhavam por todo canto. Estávamos fodidos. Alguém cogitou irmos embora e abandonar o show, pois seria melhor isso do que subir e tocar nosso som, que soava como um Bee Gees perto daquelas bandas. Então nos reunimos e decidimos ir em frente. Abracei os caras e disse: "pensem no show mais foda que vocês já viram na vida. Aquela banda que, se subisse aqui, hoje, botaria todas as outras no chinelo. Mentalizem essa porra. Hoje, nós a seremos. Não vamos voltar para casa com resultado negativo".

E assim, subimos no palco do Volkana. A tensão fazia meu corpo sentir uma eletricidade que eu não sentia há muito. Ao mesmo tempo, sabia o que tínhamos que fazer. Era a hora da verdade. "Ou a gente mostra com quantos paus se faz uma canoa hoje ou desistimos de vez".

Começou o show e foi um festival de cusparada, quebra-quebra, empurra-empurra e tudo o mais que pudéssemos imaginar. Em determinado momento, o Estefan saiu da bateria e veio me abraçar na frente do palco. O Trivela fez um striptease "sensual" no meio do show, e o China encarou aquilo tão seriamente quanto ele encarava os campeonatos de futebol que ele participava.

Carregávamos sempre uma guitarra Stratocaster tosca que, um dia, usaríamos para quebrar - caso fosse necessário. No final do show, troquei de guitarra. Peguei a "Strato do Caos" e puxei "Smiling". Ao lado do palco, havia a área reservada para o bar e, em cima, tinha uma laje. Saí do palco, subi na laje e pulei com a guitarra, arrebatando a pobre coitada no chão em diversos pedaços. A galera foi à loucura. Invadiram o palco. Foi um inferno. Pedaços da guitarra estavam distribuídos entre as pessoas, e a minha mão estava toda fodida de tanto bater com os restos da guitarra no chão. Li resenhas sobre aquele dia e, até hoje, escuto gente que diz que naquele dia, nós fizemos o melhor show da noite.

Nada mal para quem quase arregou e voltou para casa. O prêmio pela audácia? O MELHOR SHOW de nossas vidas. Na época, eu já estava morando em São Paulo e liguei para os meus pais. Eles queriam saber como foi o show. Me lembro de dizer para o meu pai: "pai! Foi o melhor show das nossas vidas". Ele ficou super feliz, deu-me parabéns e mandou ir em frente.

No dia seguinte, lançamos, no Zona Punk o nosso videoclipe para "Não sei nada", totalmente gravado em uma Sony Cybershot emprestada e editado no Windows Movie Maker.

"Os filhos da puta do Bombers de Santos/SP, quebraram tudo ontem no Volkana na última data da Vans Zona Punk Tour 2006. Quebraram mesmo: guitarra, bateria, pedestal, microfone. E hoje, após a devastação, você pode conferir o primeiro videoclipe do grupo, da música "Não Sei Nada" em nossa sessão de Multimídia." Enviado por Wladimir Cruz, em 25/09/2006 (segunda-feira), 12:25.

Na terça-feira, dia 26 de setembro, acordei com o telefone tocando. Nem cogitei em atender. Estava dormindo bem tranquilo, e a minha namorada atendeu. Ela me acordou e disse: "Matheus... seu pai passou mal hoje de manhã e ele morreu". Eu não entendi nada. Como assim? Qual a causa? Não teve uma internação? Passou mal do quê? Eu fiquei em choque. Respirei fundo e fui para Santos sem entender nada. Passei o dia inteiro em alfa. Em um estado esquisito de relaxamento.

Achei que isso estava acontecendo porque eu era forte o bastante para assimilar o golpe. E até fiquei forte por muito tempo. Até encontrar o corpo do meu pai em um caixão, com um véu branco cobrindo seu rosto gelado.

Eu segurei firme o máximo que eu pude. Ver meu pai morto e minha mãe no papel de viúva aos 50 anos, era de uma crueldade atroz para mim. Comecei a odiar Deus, o mundo e tudo o mais, mais do que nunca, a partir dali. Todos os meus conhecimentos sobre espiritismo não conseguiam me ajudar naquela hora.

Cada pessoa que vinha me confortar com as frases clássicas, do tipo: "Deus sabe o que faz", "ele foi tranquilo", "você precisa ser forte" e sei lá eu o quê, davam-me mais raiva. Nessas horas, não existe palavra de conforto. Você não é o protagonista. Nada que você disser vai confortar ou trazer a pessoa amada de alguém de volta. Regra de velório: Faça silêncio e diga o que tiver que dizer com um olhar. Essa lição eu inventei e levo comigo.

Lembro-me de algumas pessoas lá. É tudo um grande borrão.

Meu pai, meu amigo. Tínhamos nossas diferenças. Pequenas. Minúsculas, mas tínhamos. Contudo, ao mesmo tempo, ele era o meu maior incentivador com essa coisa de banda e música. Nunca me fez sentir vergonha por eu ser músico. Ele amava blues e jazz assim como amava os esportes. Jogou handebol, natação, treinou equipes de futebol feminino e era um exímio jogador de xadrez. Durante a minha infância, estimulou-me ao máximo a descobrir um esporte onde eu me encaixasse. Joguei futebol de campo, de salão, vôlei, handebol, karatê e até me arrisquei no xadrez, mas quando me deu a minha guitarra, viu eu abandonar a carreira de atleta e mesmo assim, nunca deixou de ter orgulho de mim. Mesmo eu tendo sido um fracasso como atleta, admirava-me e me tratava como um amigo e sempre me dizia para fazer as coisas que eu amo com amor.

Foi muito triste. Um dia antes, meus pais tinham saído para tomar cerveja. Eles acordaram e meu pai brincou com a minha mãe por ela ter acordado toda descabelada. Ela saiu para trabalhar e, pouco tempo depois, meus irmãos presenciaram e participaram de tudo. Meu pai teve um ataque cardíaco fulminante. E eu estava em São Paulo, vivendo a vida como um rockstar falido, de mentira. Levei muito tempo para me perdoar, por não ter estado com os meus irmãos no momento em que tudo aconteceu.

Todavia, nem tudo era tristeza. Eu tinha arranjado um emprego em São Paulo e, definitivamente, a ideia de fixar residência longe do luto me parecia a decisão mais certa. À distância, eu poderia ser um exemplo de superação para os meus irmãos e para minha mãe. O preço a pagar seria alto. Eu sofreria escondido, mas quando aparecesse poderia ser o sol da vida deles.

Mas, hey! O Bombers foi convidado para integrar o lineup oficial da Vans Zona Punk 2007, com o Carbona (que aliás, tinham sido muito queridos em me mandar

os pêsames), o Mukeka di Rato, o Colligere, o Boom Boom Kid (ARG) e o Horace Pinker (USA).

2007: Cuidado com os seus desejos, eles podem se tornar realidade... ou não.

Ouvindo: Big D and the Kids Table, "Strictly Rude"; Tim Armstrong, "A Poet's Life"; Gogol Bordello, "Super Taranta!"; The Stooges, "The Weirdness"; Velvet Revolver, "Libertad"; The Fratellis, "Costello Music"

E então aceleramos o processo de finalização do Bombers em português. O disco já estava praticamente gravado, e o Estefan e o Trivela acertavam os últimos detalhes.

Era uma época em que estava em voga falar sobre relacionamentos, amores perdidos e toda aquela temática carregada de uma sensibilidade que era tão canalha, que resolvemos ser a antítese de tudo isso. Aí adotamos o lema de ser divulgado à exaustão em Orkut e Fotlog: "se eles cantam sobre AMOR, nós cantamos sobre o PAU NO SEU CU". Lindo e tão poético quanto um bilhete de amor escrito por um adolescente babaca de 12 anos. Essa era a nossa nova identidade. A gente apostava nessa temática esculachada e que, no fundo, era tudo o que eu queria pôr para fora: todos os demônios que me cercavam.

Então fomos tocar novamente no Kingston, em Limeira, com os nossos amigos do Firststations, e foi um show de horrores. Eu fiquei extremamente chapado de todas as maneiras possíveis e imagináveis. Subimos no palco e eu distribuía comprimidos de anfepramona para quem quisesse. Na saída do show, presenciei uns garotos aporrinhando meus amigos, na banquinha de merchandising do Firststations. Eles estavam pedindo algum disco de graça. Diante da negativa da banda, eles soltaram: "porra! Já foram mais humildes, hein?". Para quê? Eu já fui para cima dos caras e comecei a bater boca. "Ô, seus filhos da puta, os caras vieram dirigindo de Brasília até Limeira, para tocar e vender o disco deles, e vocês querem ganhar o disco? Vocês não têm vergonha na cara?!" Eu sei é que o clima esquentou para caralho, e o Kako nos aconselhou a irmos embora antes que desse merda. Mas antes, precisávamos

devolver uma mesa de sinuca que nós (Bombers e Firstations) havíamos roubado do bar ao lado e colocado dentro do Kingston, como forma de agradecimento pelo show.

A próxima parada foi em Curitiba, de novo com os Firstations, e também com o Dance of Days, o Noção De Nada, o Shilleper High, o Last Year, o No Sux, o Debutantes 99 e mais algumas bandas. Um dia antes, teve uma festa e, por algum motivo muito esquisito, eu e o Trivela discutimos feio. Até hoje, quando passamos por aquela esquina (que eu não sei qual é, mas o Trivela jura que sabe), sou lembrado do caso, como: "uma das únicas vezes que eu tive vontade de bater em alguém", por Gustavo Trivela. O que mostra o quanto eu estava sendo insuportável.

No dia seguinte, passei o dia no hotel, de ressaca e assistindo à final do Campeonato Paulista. Em um jogo dramático, o Santos se sagrou Campeão Paulista de 2007. Cheguei em cima da hora. O Trivela havia levado uma bandeira do Santos Futebol Clube e nós fizemos o show com ela no palco, para delírio (só que não) da galera de Curitiba.

Lá pelo final do show, convidei os amigos do Shilleper High e do Firstations para nos acompanharem na execução de "Knowledge" do Operation Ivy. Contudo, antes, eu mandei um discurso sobre as belezas de Curitiba e a sua limpeza: "as ruas de Curitiba são tão limpas. Nem parece que estamos no Brasil. Lá, em São Paulo, é tudo tão sujo. Parece aqui dentro. Vamos fazer um favor? Catem todas as latinhas, garrafas e todo lixo que vocês jogaram no chão e joguem aqui no palco". O resultado foi uma chuva de lixo e quebra-quebra enquanto tocávamos com nossos amigos no palco, que, além de ajudarem na execução, também serviram como escudo. Eles saíram encharcados de cerveja e nós emendamos a última do set, "Smiling".

Quando acabou nosso show, o dono do Via Rebouças, o local do evento, entrou no palco "possuído pelo Ragatanga" e mandando a gente arrumar tudo, mas o seu pedido principal era para que pagássemos pela destruição de algumas lâmpadas e acessórios de iluminação do palco. A plateia toda estava olhando e aguardando pelo desfecho. Eu olhei para o cara, disse que não ia fazer nada e saí andando, direto pro camarim. Aquele homem veio atrás de mim, bufando e possesso. Quando eu já estava no corredor que levava ao camarim, parei e me virei para ele. "Poxa cara. Me desculpa, viu. Me diz quanto foi o prejuízo e nós acertamos com você. Aliás, pode descontar do nosso cachê." O cara ficou em choque e começou a rir. Ele quase não acreditou na minha manobra "Dr. Jekyll and Mr. Hyde!" Ahahahaha! No fim, ficou tudo por isso mesmo. E até ouvi elogios pela performance.

E então chegou a Vans Zona Punk Tour de 2007. Dia 30 de agosto, demos o pontapé inicial com um show, no Hangar 110, com uma parte do lineup. Fomos nós,

o Horace Pinker (EUA) e o Boom Boom Kid (ARG). Conforme Andrea Ariani escreveu para o Zona Punk, o nosso show foi assim:

"E a Vans Zona Punk Tour começa em São Paulo!"

Apesar de já ser a terceira edição da Vans Zona Punk Tour, estréia é sempre estréia. A expectativa crescia mais porque chegava o horário do primeiro show e a casa ainda estava quase vazia. Às 20h30, o início. Coube aos santistas do The Bombers a missão de dar o ponta pé inicial na tour 2007. Matheus Krempel (vocal e guitarra), Estefan Ferreira (bateria), Gustavo Trivela (baixo) e Amauri China (guitarra) estão lançando seu primeiro disco oficial "Democracia Chinesa". Sem as habituais apresentações que já causaram proibições de tocar em alguns locais, fizeram um set curto mas que agitou a ainda pouca galera presente. Tocaram a já conhecidíssima "Chora Vagabunda", e apesar de estarem cantando atualmente em português, o set foi mesclado com músicas da fase em inglês".

Você deve estar se perguntando que porra é essa de "Chora Vagabunda". Ok, eu explico.

Durante as gravações do "Democracia Chinesa", faltava apenas uma música para finalizar o disco e, mais uma vez, eu não conseguia finalizar a dita cuja. Tinha um trecho dessa música onde eu ficava repetindo a palavra "chorar" várias vezes de forma bem melódica. Isso não estava funcionando, então eu cantei uma versão bem irritado e gritei "chora vagabunda". Naquela hora, ninguém pensou no peso dessa frase. O que importava é que eu tinha feito com a tal da "pegada" que faltava. Eu fiquei meio assim e não botei uma fê que usariam aquele trecho com a frase polêmica. A verdade é que não só o trecho foi mantido, como também se tornou o novo lema da banda e o subtítulo informal da música.

As pessoas pediam para tocar a tal da "Chora Vagabunda". Ninguém enxergava maldade naquilo e eu passei a não enxergar também. Vinham garotas no show e pediam para tocarmos a música. Eu acredito que aquilo era visto como a resposta definitiva ao Emo e às suas letras emotivas. Então, de um lado existiam bandas expressando o amor e, do outro, nós com esses papos. Ajudou muito o fato de eu ter escrito, a maioria das letras carregadas de rancor, baseadas no fim de um relacionamento desastroso.

Apesar de essa ser a favorita do público nos shows, junto com "Ônibus Azul", a escolhida para mandarmos para a rádio foi "Semana Sem Você". Paralelo a isso, fiz

um segundo clipe para "Sempre Assim" (a "Chora Vagabunda") com as imagens captadas no show do Volkana.

Em uma das minhas idas a Santos, encontrei amigos que me disseram que nossa música estava tocando direto na rádio. Fiquei feliz para caralho. Contudo, ainda fiquei com aquela sensação de que a música devia ter tocado uma vez e alguém ouviu e veio inflar o ego do amigo. No dia seguinte, ainda em Santos, eu estava ouvindo rádio com a família na hora do almoço. Estava tocando "By the Way" do Red Hot Chili Peppers e, quando ela acabou, já entrou na sequência "Semana Sem Você". Meu coração disparou e eu saí correndo, dando pulos pela casa toda. No final, quando o locutor informou as músicas que haviam rolado no bloco, meus olhos se encheram de lágrimas. Foi uma alegria enorme, não só para mim como para toda a família Krempel, que teve um dos seus almoços mais felizes naquele dia.

De volta a tour, os shows foram quase sempre superlativos. Em São Bernardo do Campo, o Nekro, vocalista do Boom Boom Kid, disse que adorava nossa versão de "Baby Can I Hold You", da Tracy Chapman, e subiu no palco para cantar com a gente uma versão em espanhol. Ele subiria outras vezes, e era sempre mágico quando isso acontecia.

No show de Vila Velha, no Espírito Santo, passamos a manhã inteira na praia com os caras do Horace Pinker tomando cerveja. O show começava às 14hs, e as bandas do lineup oficial tocariam a partir das 18hs. De repente, todos foram indo embora da praia. Sem que eu percebesse, estava sozinho com uma conta absurda para pagar. Eu estava tão cozido de bebida que nem fiquei puto.

Fui até o quiosque para pagar e, quando comecei a conversar com o atendente, um casal que estava ali fazendo um esquentado para o show, perguntou se eu era o vocalista do Bombers. Fiquei super empolgado e perguntei como eles sabiam. Eles responderam que foi pela minha voz. Disseram que eram fãs da banda e estavam lá para ver nosso show. Eles me convidaram para beber uma cerveja com eles e eu, obviamente, aceitei. E lá fiquei até o Estefan e o Trivela aparecerem para me resgatar. Eu estava "só o pó da rabiola". Eles me levaram para o hotel, jogaram-me dentro do chuveiro e abriram a água gelada. Voltei, na hora, "do mundo dos mortos", e fomos direto pro palco.

O local ficava do lado do hotel. O show foi mágico. O Henrique Badke, vocalista do Carbona, subiu no palco e cantamos "Knowledge", do Operation Ivy. Em outra hora do show, subi nas costas do Trivela e tocamos "de cavalinho". Em determinado momento, lembro-me do Estefan me perguntando onde estava o Trivela. Olhei para os cantos do palco e não vi. Apertei os olhos e o enxerguei no meio da plateia. Ele havia, literalmente, sido agarrado (e beijado à força) por uma garota da

plateia no meio da música. Apontei onde ele estava para o Estefan, que “quase se mijou de rir”. Ah... e isso tudo sem pararmos de tocar. Foi nosso momento “beatlemania” daquele dia.

Em Belo Horizonte, as coisas voltaram a sair do controle. Em determinado momento do show, que estava animadíssimo e, até ali, era um dos “highlights” da tour, eu fiz a besteira de elogiar o público dizendo que eles estavam agitando muito e sendo "bem mais foda do que aqueles viadinhos blasés de São Paulo". A molecada foi à loucura.

Quando descemos do palco, vi uma movimentação de um pequeno grupo vindo em minha direção. Perguntaram-me se podiam falar comigo. Disse que sim e já percebi que tinha algo errado. Tinha um outro grupo de caras acompanhando tudo e cochichando de longe. Então, começaram a dizer o quanto eu fui infeliz com o meu comentário. Eu me desculpei e disse que nem tinha me ligado na merda que eu tinha feito. Assumi que foi uma cagada e quando me preparava para seguir em frente, entregaram-me um adesivo escrito “Stop Homophobia” e continuaram a falar um monte de asneiras do tipo lacradoras para mim. Dessa vez, com algumas ofensas. Aí eu fiz o que achava certo: peguei o adesivo, desgrudei aquele papel da parte de trás, grudei o adesivo na testa de um deles e empurrei a cabeça. Nisso, os caras que acompanhavam tudo mais atrás, vieram correndo para cima de mim. Só que o Estefan e o China também estavam acompanhando de longe. Dali para frente, foi um “empurra-empurra dos infernos”. Eu me virei de costas e tentei agir normalmente, mas logo fui alertado por um segurança de que as coisas estavam feias para o meu lado e que o certo seria eu subir para o camarim. Quando olhei para trás, fiquei assustado com o tamanho da treta e, quando o segurança me pediu para acompanhá-lo até o camarim, não pensei duas vezes.

Dentro do ônibus da tour, as turmas se dividiam entre “a turma do fundão”, com representantes do Mukeka di Rato e do Bombers; o meio, onde ficavam os um pouco mais sérios como o Wlad, o Estefan, os Carbona e os americanos, e na frente, os Colligere e os abstêmios. Éramos uma “turminha” bem heterogênea. Tudo era muito lindo e maravilhoso, e então um dia, deu tudo errado.

Chegamos para o show em Vinhedo, no interior de São Paulo, naquele ônibus gigantesco, estilizado pela Vans e que chamava mais atenção do que qualquer outra coisa. Era, literalmente, como se o circo estivesse chegando na cidade. Eu ouvi algo sobre alguns problemas financeiros encontrados pela organização para dar sequência à última parte da tour, que seriam os shows em Londrina, em Balneário de Camboriú e em Curitiba. Resumindo, não havia grana para manter aquele “ônibus mágico” e, dessa forma, os organizadores acharam por bem cancelar as últimas datas.

Sem que nenhum de nós soubesse, um grupo formado por alguns integrantes do Mukeka di Rato, Colligere, Boom Boom Kid e Carbona resolveu seguir em frente com os últimos shows. Os americanos do Horace Pinker já tinham largado a tour uma semana antes. Então fizeram uma reunião e me chamaram para comunicar sobre decisão deles – que de uma forma singela excluía o Bombers. O argumento era baseado no fato de termos abdicado de cachê para participarmos da tour. Sim. Abrimos mão de receber cachê, mas tínhamos nosso lugar no ônibus e fazíamos parte do line up oficial. Nós estávamos lançando um disco novo, o primeiro em seis anos, e ainda por cima, em português. Éramos uma banda literalmente buscando espaço no cenário e essa era uma oportunidade de ouro. Cada show daquela tour era realizado como se fosse o último de nossas vidas. Por isso, quando vieram com essa decisão e sem oferecer uma solução, minha cabeça começou a girar. Uma decisão tomada sem a consulta de nenhum integrante do Bombers. Com certeza, se fôssemos consultados, nós teríamos ido com investimento do nosso próprio bolso. Não cabia a eles decidirem isto, não achei que foi certo e fiquei extremamente decepcionado. Acreditava em uma amizade, unidade, uma união e aquilo foi um choque de realidade. Não sei de quem partiu a desrespeitosa e infeliz ideia, mas isso não era nada parecido com o que eu havia visto no filme "Another State of Mind". Infelizmente, não tive vontade para discutir nada. Eu só sei que fiquei em choque. A tour tinha falido, e eu já estava sem forças para seguir esmurrando ponta de faca. Lembro-me de deixar escorrer uma lágrima na frente daquele bando de barbados e passei o resto da noite anestesiado.

Em algum momento, provavelmente por ter sacado a porra toda, vejo o China dando uma bicuda na banquinha de “merchandising” das bandas, mandando tudo para o chão, sem nenhum motivo aparente. Eu me senti representado, mas não consegui esboçar uma reação. Eu estava morto por dentro. Era o fim da tour. Era o fim da minha ingenuidade. Engraçado me lembrar desse chute na banquinha. Uma atitude típica de criança malcriada, simbolizando o fim da inocência.

Uma semana depois, recebi alguns e-mails de pessoas que foram ao show de Curitiba e queriam saber por que não de não fazermos os shows do Paraná. Nem me lembro o que respondi ou se respondi.

No mês seguinte, tocamos em Santos com os americanos do The Casualties, e foi um daqueles shows de levantar a moral de qualquer um.

O Crix Martins resenhou o show assim para o Zona Punk:

"Sem delongas, já sobem ao palco os guerreiros do punk rock caíçara, The Bombers. Tal qual a banda anterior, show dos Bombers é sempre aquela certeza de um show mega divertido e explosivo, punk rock live and loud como tem que ser. A cada show que presencio, vejo uma banda cada vez mais afiada, tinindo, sempre se superando, uma das poucas que são realmente competentes no que diz respeito a entreter e divertir um público sem maiores esforços. O set não foi muito diferente dos executados pela turnê da VZPT 2007, mas nem por isso deixou de ser mais um ótimo show dos caras, banho de cerveja e suor pra dar e vender. Foram tocados vários sons do seu novo trabalho Democracia Chinesa, além dos sons antigões e a sempre marcante cover de Operation Ivy.

Show dos Bombers que se preze, sempre tem que acontecer algo bizarro. E assim foi. O grande destaque da performance ficou por conta da ENFIM quebra do conduíte que fica localizado no teto do local, enquanto a banda ainda tocava. Esse cano é famoso por ser onde pessoas mais exaltadas no pogo ali trepam e se penduram, e até mesmo povo de bandas ali já trepou, como o Nekro do Boom Boom Kid. Cedo ou tarde aquele cano iria se romper, e juro que eu esperava ansioso pelo dia em que isso acontecesse. E assim, fui agraciado com a chance de ver aquela coisa desprender-se do teto e culminando com um lindo tombo de um espectador que ali estava pendurado. Na seqüência o público o levantou e terminou de fazer o serviço, arrancando do teto o que restava do cano, e isso tudo ao som do Bombers ainda rolando. Amazing! Ao término da música, Matheus, frontman da banda, soltou: 'Até que enfim alguém conseguiu quebrar essa porra!'. Bem, se você já foi alguma vez ao Studio G, vai saber do que estou falando, caso contrário, ou não tenha ido neste dia, sorry baby, você perdeu um caso histórico. Isso é punk."

Ainda fizemos um show beneficente de Natal no final do ano com nossos amigos do Big Nitrons, e demos por encerrado um ano cheio. Talvez o mais cheio de toda nossa história. Eu estava no limite de todas as emoções possíveis. Estava vivendo um misto de alegria, ódio, frustração e orgulho. Tudo isso misturado com bastante vodca e estimulantes. Decidimos dar um tempo para a banda respirar.

No final de março de 2008, voltamos a nos falar. Trivela estava com uma tendinite aguda que precisaria tratar, o Estefan estava às voltas com a chegada do seu segundo filho e o China, ilhado em Santos, ainda era o único que parecia disposto a lutar mais um round. Tive uma discussão com o Estefan pelo telefone e, no primeiro dia de abril de 2008, anunciei o fim do The Bombers via Fotolog.

Decidi que não voltaria a tocar nunca mais. Peguei bode de tudo o que envolvia música e o mundo independente em geral. A verdade foi que aquela tour nos jogou pra cima e para baixo de uma forma que nunca tínhamos imaginado. Tínhamos vivido

coisas maravilhosas e, infelizmente, coisas desagradáveis na mesma proporção. Eu nunca mais fui o mesmo depois daquilo. Na verdade, perdi o amor que tinha pelo cenário musical naquele dia em que fomos expulsos da Vans Zona Punk Tour. Perdi a vontade de tocar e de compor. E isso tudo somado à morte do meu pai, finalmente me levaram à lona. Comecei a ter alguns episódios de ataque de pânico, como uma vez em que tive que sair do cinema no meio de um filme, com dificuldade para respirar e engolir a saliva. Eu não queria mais ter contato com nada relacionado àquela vida. Ou quase nada. Afinal, alguns hábitos haviam chegado para ficar: comecei a escrever uns contos meio “bukowskianos”, todos baseados em fatos reais. Minha vida ia de mal a pior.

Segunda era a D-Edge, terça era o Berlin, na quarta era o Sarajevo Club, quinta era o Vegas, sexta era sempre algum bar com o pessoal do trampo e sábado era o CB Bar, e assim seguia o barco. Eu estava descendo ladeira abaixo, e meus amigos de Santos vinham me visitar em São Paulo. Eles queriam estar por perto. Todos expressavam muita preocupação comigo. Eu estava pesando uns 90kg e me acabando na vida noturna de São Paulo. Lembro-me de um dia estar ajoelhado em algum banheiro sujo da Rua Augusta, arrependido de mais uma noite e após umas gorfadas, dei risada ao lembrar daquele trecho da música "Down em Mim", do Barão Vermelho, na qual o Cazuzu, meu velho "amigo de infância", versava sobre o banheiro ser a igreja de todos os bêbados.

Em maio, fui a um show do Mukeka di Rato em um clube na Rua Augusta. Achei que estivesse pronto para rever essa turma, de cabeça erguida e tudo o mais, porém ainda não havia cicatrizado toda aquela situação da tour. E então comecei a beber como se não houvesse amanhã. Quando eu fui pagar a comanda para ir embora, envolvi-me em uma discussão com um segurança da casa. Ele me imobilizou com um mata-leão, eu apaguei e, quando acordei, estava com a cabeça enfiada dentro de uma lixeira, ainda dentro da casa. Puxei uma long neck de dentro do lixo e acertei uma garrafada no segurança. Fui imobilizado de novo e, mais uma vez, apaguei. Quando recobrei a consciência, estava deitado com a cara virada para o chão, em frente ao local do show. Bejei a lona do ringue onde havia travado várias batalhas. Emblemático. Era a calçada da Rua Augusta.

Segundo alguns relatos, eu fiquei jogado ali, e algumas pessoas passavam, derramavam cerveja ou jogavam bitucas de cigarro enquanto eu estava apagado. Levantei-me e senti meu rosto todo estourado. Minha boca estava inchada e sangrando. Olhei em volta e vi a cara de espanto das pessoas. Inclusive a do segurança. Olhei para ele e perguntei se era só aquilo que ele tinha para me oferecer.

Ele não respondeu nada. Ninguém falava nada. Apareceu um carro da polícia para ver o que estava acontecendo. Bati boca com o policial que se não me engano, era da guarda civil. Disse que não precisava de ajuda nenhuma e fui andando até o 4° DP. Fiz um exame de corpo de delito e fui orientado a entrar com um processo contra a casa. E então tive um momento de clareza. A casa não tinha culpa. Aliás, a meu ver, nem o segurança tinha culpa de nada. Eu tinha chegado ao limite. Não dava mais. Eu já havia abusado da sorte muitas vezes. Tinha destruído tudo o que eu havia construído com a banda, estava distante dos meus amigos e, pouco a pouco, fui sumindo.

Em pouco tempo, o Bombers e toda aquela história, tinha virado fumaça. Talvez uma notinha perdida no rodapé de alguma revista ou site, nada além.

Uma vida inteira resumida a um vídeo aqui e outro ali, no YouTube. Um grande desperdício. "A incrível banda que não fez as coisas direito." "O cantorzinho de araque que caiu na besteira de acreditar no personagem que ele mesmo criou." Uma grande piada sem graça. Sozinho, quebrado e iludido pelas tais luzes da ribalta.

Epílogo: (O que o amor destrói, também reconstrói).

Em 2009, eu reencontrei a Jessica e tudo começou a mudar na minha vida. Já nos conhecíamos de Santos, muito tempo atrás. Ela acabou precisando morar em “Sampa” e eu ofereci abrigo. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para mantê-la no meu radar, ofereci até casa e emprego antes de ofertar meu coração. E não é que eu consegui?! Agora, eu tinha uma parceira que não me julgava e me motivava a ser uma pessoa melhor a cada dia. E, em pouco tempo, fui tirando o pé do acelerador até voltar a ter uma vida menos louca. Aprendi a respeitar o peso do luto e, assim, comecei a curar as minhas feridas com relação à morte do meu pai.

Depois de muito tempo, em 2010, comecei a escrever uns rascunhos de letras e músicas. Fiz umas duas apresentações solo tocando violão, incentivado pela minha mulher e por alguns amigos. Nesse mesmo ano, montei uma banda chamada Electric Jackals, com o Leandro Gonçalves (Underboyz/Eviltruckers), o Daniel Bock (Eviltruckers) e o Delton Porto (Firstations/Dissônicos/Nada em Vão/Paranoia Bomb), que tinha vindo para São Paulo e morou um tempo comigo. Tudo era muito legal, mas, infelizmente, por diversas brigas entre os outros integrantes, a banda não foi para a frente.

Em maio de 2011, a convite dos Firstations, subi no palco do Hangar 110 e fiz uma participação especial no show deles durante a Bunga Bunga Tour (que eles fizeram com o Lomba Raivosa). O Delton aproveitou a oportunidade e começou a me xavecar para eu voltar com o Bombers.

Montamos uma formação “maluca” com três guitarristas: eu, o Wagner Tick e o Amauri China nas guitarras; o Fabiano Riot Rodriguez no baixo e o Delton na bateria. A ideia dos caras era só fazer uns shows de reunião, sem planos futuros. No entanto, uma vez que eu voltei a tocar, minha cabeça começou a fervilhar com a possibilidade de fazer música de novo. No dia 23 de Outubro de 2011, fizemos nosso primeiro show após quase quatro anos. Uma noite incrível onde dividimos o palco com o Matra, Blackjaw, Garage Fuzz e os americanos do MxPx.

Em 2012, fomos convidados a fazer um show de Carnaval, em Santos, com o Zebra Zebra, uma banda bem legal de São Vicente. O show foi um sucesso. Cada banda fez duas entradas. Tocamos fantasiados e revezamos diversos covers com músicas próprias. A casa estava lotada, foi sold out. Logo na sequência, nós nos

apresentamos no centenário Teatro Guarany, em Santos. A banda começou a perceber que as coisas estavam ficando mais sérias e decidiram abandonar o projeto. Mais uma vez, eu decidi parar.

O Delton me pediu para não desistir, então eu disse que só seguiria se o Trivela e o Fernando Hago (Sui Generis) topassem tocar com a gente. Para minha surpresa, eles toparam, e nós iniciamos os trabalhos para gravar o maior disco do Bombers. Quando eu digo maior, é porque a intenção era gravar todas as músicas que pudéssemos criar e da melhor maneira possível. Eu queria provar que éramos mais do que a banda do "7 Songs" ou do "Democracia Chinesa".

Em 2013, começamos a gravar o que viria a ser o nosso terceiro disco, o "All About Love". Lembro-me de conversar com um amigo muito próximo, sobre a ideia de voltar a banda para valer. Ele me disse: "para quê? Você já conquistou tudo o que podia com essa coisa de banda. Ninguém está interessado no estilo de som que vocês fazem hoje em dia. Poupe-se de mais uma frustração."

Em 2014, o "All About Love" foi lançado pela gravadora Hearts Bleed Blue. De repente, nosso disco estava ali, lado a lado, no mesmo catálogo dos novos álbuns do Blind Pigs, do Autoramas, do Bidê ou Balde, do Dance of Days e de tantos outros. O disco foi um sucesso de crítica e figurou em diversas listas de melhores do ano, eleitas por diversos meios de comunicação voltados à música independente.

Agendamos uma enorme turnê e quando tudo estava pronto, o Delton se viu obrigado a voltar para Brasília. Em um esforço fora do comum, ele fez os dois primeiros shows. O primeiro em Santos, quando tocamos com o CJ Ramone, e o segundo na festa de lançamento, numa quinta-feira, vindo de Brasília para São Paulo. Convidei o Mick Six (Eviltruckers, Redlight Gang, Underboyz, Road Zombie) para entrar pra banda e fazer a turnê com a gente com uma semana de antecedência. Ele, heroicamente, topou e, juntos iniciamos a série de mais de 30 datas, passando por Goiás, Brasília, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Dividimos o palco com diversas bandas que admiramos, como Abraskadabra, Lou Dog, Sky Down, Rejects S/A, Faca Preta, Não Há Mais Volta, Big Stone Crew, Beer and Mess, os velhos amigos do Firststations e tantas outras. Nessa mesma época, contamos com o apoio inestimável do Roberto Gasparro que, além de tirar as nossas melhores fotos, ainda dirigiu dois videoclipes para nós e acabou se tornando um amigo para a vida inteira.

No mesmo ano, eu assumi os vocais da banda Reverendo Frankenstein com os amigos Alexandre Saldanha, Fabio Pegoraro e Felipe Marquioro (que, na época, tocavam no Kães Vadius).

Em 2015, o Fernando decide deixar a banda para focar na sua vida acadêmica, e nós convidamos o Daniel Bock (Eviltruckers/Electric Jackals) para o posto de baixista.

Em 2016, lançamos, de forma totalmente independente, um álbum split com os amigos do Sky Down, de Santo André, o "A.A.T.N.L" (All About The Nowhere Love, uma brincadeira com os títulos dos últimos álbuns das duas bandas), gravado parcialmente como parte do projeto Converse Rubber Tracks. Além disso, participamos da coletânea "O Pulso Ainda Pulsa: Um Tributo ao Titãs" regravando a faixa "Desordem", o que rendeu elogios vindos da própria banda. Nessa mesma época, saiu o primeiro disco do Reverendo Frankenstein "Está Vivo! Está Vivo!", com 8 faixas.

Em 2017, lançamos o disco "Embracing the Sun" e, mais uma vez, recebemos resenhas elogiosas de boa parte da mídia, incluindo uma do lendário Tárík de Souza. Gravamos um clipe, dirigido pelo Christian Targa, para a faixa "Mestre Jonas", clássico de Sá, Rodrix & Guarabyra. Além desse, gravamos mais um videoclipe com os amigos da Vrummm Rider Tendencias para a faixa "¿Qué Pasa?", com as participações dos talentosíssimos Jay Bone e Jhou Bastos nos vocais.

Eu me torno dono de um estúdio chamado Porto Produções Musicais, localizado no bairro de Pinheiros, em São Paulo, e começo a trabalhar como produtor, além de criar o selo Craic Dealer Records, com o meu amigo Rafael Jales (Marginal Attack/Dope Times/Road Zombie) para lançarmos bandas.

Em 2018, recebemos o Prêmio Profissionais da Música, em Brasília, na categoria Hardcore, pelo disco "Embracing the Sun". Como forma de agradecimento, soltamos a sequência deste disco, o "Embracing the Moon".

Em 2019, o Daniel Bock se muda para fora do Brasil e o Mick acaba se desligando da banda. E então acontece a chegada do Raul Signorini (Sick Dogs in Trouble) para o baixo e a volta do Estefan Ferreira para a bateria, doze anos depois.

Lançamos o EP "Achados & Perdidos", com 5 faixas selecionadas do "Democracia Chinesa". Emendamos uma pequena tour e iniciamos o processo de gravação de um novo disco, totalmente em português.

Olhando para trás... fico com aquela sensação de que, realmente, nunca é tarde demais para a gente acordar e fazer aquilo que mais amamos. No início, a vida na música me deu um Norte, depois ela tirou meu chão e quando eu não sabia mais o que fazer, ela me devolveu o rumo. Obrigado a todos os The Bombers. Tem sido uma jornada e tanto, essa vida com vocês.

O paradeiro dos heróis desta história louca.

Sim, eu chamo eles de heróis, porque, ter uma banda de rock no Brasil, por si só já é um ato heróico; em uma banda como o Bombers, eu acho que esse adjetivo se justifica mais ainda.

- ❖ *Rubens Lima*: parou de tocar. Hoje, mora no Canadá e tem uma família linda.
- ❖ *Luíz Euclides*: parou de tocar. Atualmente, comanda uma escola voltada para cursos técnicos.
- ❖ *Fábio Façanha*: eu juro que não sei. Tentei contato mas não descobri. A última vez que eu o vi, foi em um jogo do Santos contra a Ponte Preta, na Vila Belmiro.
- ❖ *Jean Marcell*: depois de se manter um tempo ativo com o Los Atiradores, tocou também no Riot 99. Hoje, não toca mais. Formou-se em direito, teve um filho e hoje trabalha na área judicial.
- ❖ *Junior Amaral*: mais uma vítima do mundo musical. Comandou um estúdio de ensaios e gravações, o Lobo Estúdio, por muitos anos, e baixou as portas em 2020.
- ❖ *Denys de Souza*: após passar por diversas bandas, segue tocando com a banda 13 Brotherhood e iniciou uma bem-sucedida carreira como tatuador.
- ❖ *Bruno Graveto*: após sair do Bombers, entrou para a banda O Surto e, depois, assumiu as baquetas do Charlie Brown Jr., ganhou um Grammy, formou a banda A Banca, tocou com o Strike e, atualmente, toca com a banda Cali.
- ❖ *Eduardo Falcão*: ainda toca na banda Sonar e segue atuando no cenário independente da cidade de Santos em diversas frentes.
- ❖ *Douglas Ferreira*: além de ter tocado no D-Cups, tocou também com as bandas Fullheart e Chuva Negra. Atualmente, largou a música e atua como fotógrafo, cinegrafista e videomaker.
- ❖ *Wagner Tick*: parou de tocar. Atualmente, trabalha na área de projetos de arquitetura. Se tornou um grande amante de felinos e criou, junto com a esposa, a Gatolino, empresa que desenvolve bebedouros para gatos.)
- ❖ *Amauri China*: atualmente, trabalha em uma indústria química e segue tocando na banda 13 Brotherhood e no projeto solo do vocalista Riot Rodriguez.
- ❖ *Fabiano Riot*: trabalha na indústria química. Após o fim do Riot 99, criou a marca de roupa 101 Kustom Com. Tempos depois, montou a banda 13 Brotherhood e se lançou em carreira solo como Riot Rodriguez.
- ❖ *Delton Porto*: é funcionário público. Voltou para Brasília e, como diria Renato Russo, "a nossa amizade dá saudade no verão". Fora isso, segue tocando com as bandas Nada em Vão e Paranoia Bomb.

- ❖ *Fernando Hago*: parou de tocar. Após trabalhar como professor em escola, decidiu se voltar à vida acadêmica. Além disso, é um dos revisores deste singelo livro e o meu ombro amigo semanal.
- ❖ *Daniel Bock*: parou de tocar. Se mudou para Munique na Alemanha, onde trabalha como designer de sistemas.
- ❖ *Mick Six*: trabalha como barbeiro na badalada Barbearia 9 de Julho. Eventualmente, se apresenta com o Road Zombie (banda tributo a Social Distortion).
- ❖ Gustavo Trivela: meu irmão (“brother from another mother”), meu parceiro de Bombers, pai do meu afilhado, meu motorzinho, sempre me instigando a continuar seguindo em frente e buscando melhorar a cada dia. Tem uma respeitada carreira como produtor musical, engenheiro de gravação e técnico de som.
- ❖ Estefan Ferreira: meu velho amigo. Depois de idas e vindas, assumiu novamente as baquetas e gravou o nosso mais recente EP, "Bumerangue". Produtor musical e empresário desde que se conhece por gente. É um entusiasta de métodos antigos de comunicação como ligações por telefone.
- ❖ Raul Signorini: o caçula da banda. Além de baixista no Bombers, teve passagens por algumas bandas de Belo Horizonte, entre elas O Leopardo e é o vocalista e guitarrista da Sick Dogs in Trouble. Também é filósofo, professor de baixo e analista comercial.